

Manuel Castells

O PODER DA IDENTIDADE
Volume II

Tradução: Klaus Brandini Gerhardt



PAZ E TERRA

© Manuel Castells
© 1996, The Johns Hopkins University Press
Traduzido do original: *The power of identity*

CIP-Brasil. Catalogação-Na-Fonte

(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)
São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Inclui bibliografia e índice remissivo

c344p

Castells, Manuel, 1942 —
O poder da identidade / Manuel Castells ; tradução Klauss Brandini Gerhardt.
— São Paulo : Paz e Terra, 1999
. — (A era da informação : economia, sociedade e cultura ; v.2)

Tradução de: *The power of identity*
Inclui apêndices e bibliografia
ISBN 85-219-0336-7

1. Governo representativo e representação. 2. Autoritarismo. 3. Democracia.
I. Stepan, Alfred. II.

99-0624

CDD 321.8
CDU 321.7

EDITORA PAZ E TERRA S.A.
Rua do Triunfo, 177
01212-010 — São Paulo-SP
Tel.: (011) 223-6522
Fax: (011) 223-6290

1999
Impresso no Brasil / *Printed in Brasil*

Prefácio

por Ruth Correa Leite Cardoso

Vejo este livro como uma grande aventura, e seu autor como um grande desbravador. Levando uma bagagem pesada, com muita sociologia, bastante antropologia e uma visão política clara, Manuel Castells partiu para visitar o mundo. Tal como os viajantes antigos, observou detalhes, interessou-se pelas diferenças e pelas peculiaridades, procurando um fio de meada que pudesse explicar o mundo pós-moderno ou pós-industrial ou qualquer outro nome que se queira dar para as novidades do mundo globalizado. O desafio era compreender a diversidade de manifestações que se repetiam em muitos países sem ser iguais e que nem se sabe se poderiam ser classificadas como da mesma espécie.

O desafio era grande mas agora sabemos, lendo seus livros, que encontrou as pistas que procurava e com elas decifrou o mistério. Sua grande contribuição foi oferecer uma explicação abrangente, instigante, que renova a teoria da mudança social e apresenta uma visão totalizante que engloba as transformações tecnológicas, a cultura e a sociedade.

Para atingir esse objetivo inovou também no campo da metodologia: o estudo de caso, a observação participante e a preocupação com a comparação estavam sempre presentes (como na melhor tradição antropológica), mas sem esquecer que o objetivo era, e é, chegar a uma visão compressiva em que o geral não seja um empobrecimento do específico. A diversidade é desafiante, mas alguns (entre os quais Castells) ainda acreditam que é preciso refletir sobre os contextos novos em que se desenrola a vida social para compreender os mecanismos de mudanças e, partindo dessas situações, buscar um novo quadro teórico para explicá-los.

No volume I desta série, Castells mostrou o efeito das imensas transformações tecnológicas, especialmente na área da comunicação, trazidas pelas últimas décadas. Ainda mantendo seu gosto pelo materialismo, ele parte dessa nova base material para descrever o impacto da informatização sobre as culturas de todo o globo, e apresenta o conceito de *sociedade em rede* que resume as características do mundo contemporâneo globalizado. Sua definição está na introdução do presente volume, onde lemos:

Sumário

Figuras	9
Tabelas	11
Quadros	13
Agradecimentos	15
Introdução: Nosso mundo, nossa vida	17
1. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede	21
A construção da identidade	22
Os paraísos do Senhor: fundamentalismo religioso e identidade cultural	29
<i>Umma</i> versus <i>Jahiliya</i> : o fundamentalismo islâmico	30
Deus me salve! O fundamentalismo cristão norte-americano	37
Nações e nacionalismos na era da globalização: comunidades imaginadas ou imagens comunais?	44
As nações contra o Estado: a dissolução da União Soviética e da Comunidade de Estados Impossíveis (<i>Sojuz Nevozmoznykh Gosudarstv</i>)	49
Nações sem Estado: a <i>Catalunya</i>	60
As nações da era da informação	69
A desagregação étnica: raça, classe e identidade na sociedade em rede	71
Identidades territoriais: a comunidade local	78
Conclusão: as comunas culturais da era da informação	84
2. A outra face da Terra: movimentos sociais contra a nova ordem global	93

Globalização, informacionalização e movimentos sociais	93
Os zapatistas do México: o primeiro movimento de guerrilha	
informacional	97
Quem são os zapatistas?	98
A estrutura de valores dos zapatistas: identidade, adversários e objetivos ...	101
A estratégia de comunicação dos zapatistas: a Internet e a mídia	103
A relação contraditória entre movimento social e	
instituição política	106
Às armas contra a nova ordem mundial: a Milícia Norte-Americana e o	
Movimento Patriótico dos anos 90	108
As milícias e os patriotas: uma rede de informações de múltiplos	
temas	112
As bandeiras dos patriotas	118
Quem são os patriotas?	121
As milícias, os patriotas e a sociedade norte-americana dos anos 90	122
Os Lamas do Apocalipse: a Verdade Suprema do Japão	123
Asahara e o surgimento da Verdade Suprema	124
Metodologia e crenças da Verdade Suprema	127
A Verdade Suprema e a sociedade japonesa	128
O significado das insurreições contra a nova ordem global	131
Conclusão: o desafio à globalização	136
3. O “verdejar” do ser: o movimento ambientalista	141
A dissonância criativa do ambientalismo: uma tipologia	143
O significado do “verdejar”: questões sociais e o desafio	
dos ecologistas	153
O ambientalismo em ação: fazendo cabeças, domando o capital, cortejando o	
Estado, dançando conforme a mídia	161
Justiça ambiental: a nova fronteira dos ecologistas	165
4. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade	
na era da informação	169
A crise da família patriarcal	173

As mulheres no mercado de trabalho	191
O poder da congregação feminina: o Movimento Feminista	210
Feminismo americano: uma continuidade descontínua	212
O feminismo é global?	220
Feminismo: uma polifonia instigante	229
O poder do amor: movimentos de libertação lésbico e gay	238
Feminismo, lésbico e libertação sexual em Taipé	241
Espaços de liberdade: a comunidade gay de São Francisco	248
Resumo: identidade sexual e a família patriarcal	256
Família, sexualidade e personalidade na crise do patriarcalismo	257
A família que encolheu drasticamente	257
A reprodução da figura materna em relação à não-reprodução do	
patriarcalismo	264
Identidade corporal: a (re)construção da sexualidade	271
Personalidades flexíveis em um mundo pós-patriarcal	275
Será o fim do patriarcalismo?	277
5. Um Estado destituído de poder?	287
A globalização e o Estado	288
O núcleo transnacional das economias nacionais	288
Avaliação estatística da nova crise fiscal do Estado na economia	
global	290
A globalização e o Estado do bem-estar social	296
Redes globais de comunicação, audiências locais, incertezas sobre	
regulamentações	298
Um mundo sem lei?	303
O Estado-Nação na era do multilateralismo	306
O governo global e o super Estado-Nação	311
Identidades, governos locais e a desconstrução do Estado-Nação	315
A identificação do Estado	319
As crises contemporâneas dos Estados-Nação: o Estado mexicano do PRI e o	
governo federal dos EUA nos anos 90	322

NAFTA, Chiapas, Tijuana e os estertores do Estado do PRI	322
O povo contra o Estado: a perda gradativa da legitimidade do governo federal dos EUA	334
Estrutura e processo na crise do Estado	345
Estado, Violência e Vigilância: do “Grande Irmão” às “Irmãzinhas”	348
A crise do Estado-Nação e a teoria do Estado	352
Conclusão: o Rei do Universo, Sun Tzu e a crise da democracia	356
6. A política informacional e a crise da democracia	365
Introdução: a política da sociedade	365
A mídia como espaço para a política na era da informação	369
A mídia e a política: a conexão dos cidadãos	369
A política <i>showbiz</i> e o marketing político: o modelo norte-americano	374
Estará a política européia passando por um processo de “americanização”? ..	381
O populismo eletrônico da Bolívia: <i>compadre</i> Palenque e a chegada do <i>Jach'a Uru</i>	386
A política informacional em ação: a política do escândalo	391
A crise da democracia	401
Conclusão: a reconstrução da democracia?	409
Conclusão: A transformação social na sociedade em rede	417
Apêndice Metodológico	428
Resumo do Índice dos Volumes I e III	461
Bibliografia	463
Índice remissivo	491

Figuras

2.1	Distribuição geográfica dos grupos patriotas nos EUA por número de grupos e campos de treinamento paramilitar nos estados norte-americanos, 1996	114
4.1	Curvas de sobrevivência dos casamentos na Itália, Alemanha Ocidental e Suécia: mães nascidas entre 1934-38 e entre 1949-53 ...	176
4.2	Evolução do número de primeiros casamentos em países da União Européia a partir de 1960	178
4.3	Índices brutos de casamentos em países selecionados	179
4.4	Proporção (%) de mulheres (15 a 34 anos) cujo primeiro filho nasce antes do primeiro casamento, por raça e etnia, nos Estados Unidos, 1960-89	182
4.5	Síntese da taxa de fertilidade em países europeus a partir de 1960	188
4.6	Índice total de fertilidade e número de nascimentos nos Estados Unidos, 1920-90	189
4.7	Aumento dos índices de emprego no setor de serviços e da participação feminina, 1980-90	194
4.8a	Percentual de mulheres na força de trabalho por tipo de função ..	197
4.8b	Famílias nos Estados Unidos em que as esposas participam da força de trabalho, 1960-90	198
4.9	Mulheres com empregos de meio expediente, por tipo de família, em países membros da Comunidade Européia, 1991	209
4.10	Inter-relação dos diferentes aspectos da sexualidade voltada para pessoas do mesmo sexo	242

87. Yoshino (1992: 1).
88. Deutsch (1953); Rubert de Ventos (1994).
89. Rubert de Ventos (1994: 139-200).
90. 1922, em *SSR vnutrennie protivorechiia*, Tchalidze Publications, 1987: 128, conforme citado por Carrere d'Encausse (1993:173).
91. Carrere d'Encausse (1993); Suny (1993).
92. Slezkine (1994).
93. Suny (1993: 101, 130).
94. Pipes (1954); Conquest (1967); Carrere d'Encausse (1987); Suny (1993); Slezkine (1994).
95. Singh (1982: 61).
96. Salmin (1992).
97. Kozlov (1988); Suny (1993); Slezkine (1994).
98. Granberg e Spehl (1989); Granberg (1993).
99. Carrere d'Encausse (1993: cap. 9).
100. Castells (1992b); Carrere d'Encausse (1993).
101. Carrere d'Encausse (1993); Starovoytova (1994).
102. Hooson (1994b); Lyday (1994); Stebelsky (1994); Khazanov (1995).
103. Twinning (1993); Panarin (1994); Khazanov (1995).
104. Carrere d'Encausse (1993: 234).
105. Suny (1993).
106. Hooson (1994a: 140).
107. Castells (1992b); Hobsbawm (1994).
108. Twinning (1993); Hooson (1994b).
109. Originalmente publicado em 1906; esta edição, 1978: 49-50.
110. Keating (1995).
111. 1986; citado em Pi (1996: 254).
112. Sobre fontes históricas, ver compêndio da história catalã em Vilar (1987-90) e a edição especial de *L'Avenc: Revista d'Historia* (1996). Ver também Vicens Vives e Llorens (1958); Vicens Vives (1959); Vilar (1964); Jutglar (1966); Sole-Tura (1967); McDonogh (1986); Rovira i Virgili (1988); Azevedo (1991); Garcia-Ramon e Nogue-Font (1994); Keating (1995); Salarach (1996).
113. Ferrer i Girones (1985).
114. Sole-Tura (1967).
115. Keating (1995).
116. Prat de la Riba (1894), citado por Sole-Tura (1967: 187); traduzido para o inglês por Castells.

117. Pujol (1995), citado em Pi (1996: 176); traduzido para o inglês por Castells.
118. Salarach (1996).
119. Puiggene i Riera *et al.* (1991).
120. Jutglar (1966).
121. Sole-Tura (1967).
122. Prat de la Riba (1906).
123. Keating (1995); Pi (1996); Trias (1996).
124. Ferrater Mora (1960: 120).
125. Extraído de Wideman e Preston (1995: xxi).
126. West (1996: 107-8).
127. Appiah e Gates (1995).
128. Wieviorka (1993); West (1995).
129. Wilson (1987).
130. Wilson (1987); Blakely e Goldsmith (1993); Carnoy (1994); Wacquant (1994); Gans (1995); Hochschild (1995); Gates (1996).
131. Tonry (1995: 59).
132. Gates (1996: 25).
133. Vide volume III, capítulo 2.
134. West (1996: 80).
135. Hochschild (1995).
136. Carnoy (1994).
137. West (1996).
138. Hochschild (1995); Gates (1996).
139. Sanchez Jankowski (1991, 1996).
140. Wideman e Preston (1995); Giroux (1996).
141. Hochschild (1995).
142. Gates e West (1996: 133).
143. Gates (1996: 38).
144. West (1996: 110).
145. Gates e West (1996: 111).
146. West (1996: 112).
147. Wellman (1979); Fischer (1982).
148. Etzioni (1993); Putnam (1995).
149. Castells (1983).

150. Castells (1983: 331).
151. Massolo (1992); Fisher e Kling (1993); Calderon (1995); Judge *et al.* (1995); Tanaka (1995); Borja e Castells (1996); Hsia (1996); Yazawa (no prelo).
152. Cardoso de Leite (1983); Gohn (1991).
153. Espinosa e Useche (1992).
154. Castells (1983: 327).
155. Sanchez Jankowski (1991).
156. Sanchez e Pedrazzini (1996).
157. Bellah *et al.* (1985: 286).

2

A outra face da Terra: movimentos sociais contra a nova ordem global

Seu problema é o mesmo que o de muita gente. Está relacionado à doutrina socioeconômica conhecida como "neoliberalismo". Trata-se de um problema metateórico. É o que lhe digo. Você parte da premissa de que o "neoliberalismo" é uma doutrina. E tomando você como exemplo refiro-me a todos aqueles que acreditam em esquemas tão rígidos e quadrados como suas cabeças. Você acha que o "neoliberalismo" é uma doutrina capitalista criada para enfrentar crises econômicas que o capitalismo atribui ao "populismo". Bem, na verdade o "neoclassicismo" não é uma teoria para explicar ou enfrentar crises. Ao invés disso, é a própria crise, transformada em teoria e doutrina econômica! Isso quer dizer que o "neoliberalismo" não tem a mínima coerência, muito menos planos ou perspectivas históricas. Em outras palavras, é pura baboseira teórica.

Durito, conversando com o subcomandante Marcos na Floresta de Lacandon, 1994¹

Globalização, informacionalização e movimentos sociais²

A globalização e a informacionalização, determinadas pelas redes de riqueza, tecnologia e poder, estão transformando nosso mundo, possibilitando a melhoria de nossa capacidade produtiva, criatividade cultural e potencial de comunicação. Ao mesmo tempo, estão privando as sociedades de direitos políticos e privilégios. À medida que as instituições do Estado e as organizações da sociedade civil fundamentam-se na cultura, história e geografia, a repentina aceleração do tempo histórico, aliada à abstração do poder em uma rede de computadores, vem desintegrando os mecanismos atuais de controle social e de representação política. À exceção de uma elite reduzida de *globopolitanos* (meio seres humanos, meio fluxos), as pessoas em todo o mundo se ressentem da perda do controle sobre suas próprias vidas, seu meio, seus empregos, suas economias, seus governos, seus países e, em última análise, sobre o destino do

planeta. Assim, segundo uma antiga lei da evolução social, a resistência enfrenta a dominação, a delegação de poderes reage contra a falta de poder, e projetos alternativos contestam a lógica inerente à nova ordem global, cada vez mais percebida pelas pessoas de todo o planeta como se fosse desordem. Contudo, tais reações e mobilizações, a exemplo do que freqüentemente ocorre na História, acontecem de forma pouco comum, agindo por meios inesperados. Este capítulo e o seguinte procuram explorar tais meios.

A fim de ampliar o alcance empírico de minha investigação, sem deixar de manter seu enfoque analítico, traçarei um paralelo entre três movimentos que se opõem explicitamente à nova ordem global dos anos 90, nascidos a partir de contextos culturais, econômicos e institucionais extremamente diferentes, e veiculados por ideologias profundamente contrastantes: os zapatistas em Chiapas, México; as milícias norte-americanas; e a *Aum Shinrikyo* (Verdade Suprema), uma seita japonesa.

No próximo capítulo, farei uma análise do movimento ambientalista, provavelmente o maior e o mais influente de nossos tempos. De forma própria, e pela dissonância criativa de suas múltiplas vozes, o ambientalismo também lança seu desafio à desordem ecológica global, ou seja, o risco de suicídio ecológico, provocado pelo desenvolvimento global desenfreado e pelo desencadeamento de forças tecnológicas sem precedentes sem que sua sustentabilidade social e ambiental tenha sido avaliada. Contudo, sua especificidade cultural e política e seu caráter de movimento social pró-ativo, e não reativo, sugerem um tratamento analítico diferenciado para o ambientalismo, que se distingue dos movimentos defensivos erigidos sobre trincheiras de identidades específicas.

Antes de passarmos à questão central propriamente dita, faz-se necessário apresentar três breves observações metodológicas necessárias à compreensão das análises a serem apresentadas nas próximas páginas.³

Em primeiro lugar, *movimentos sociais* devem ser entendidos em seus próprios termos: em outras palavras, *eles são o que dizem ser*. Suas práticas (e sobretudo as práticas discursivas) são sua autodefinição. Tal enfoque nos afasta da pretensão de interpretar a “verdadeira” consciência dos movimentos, como se somente pudessem existir revelando as contradições estruturais “reais”. Como se, para vir ao mundo, tivessem necessariamente de carregar consigo essas contradições, da mesma forma que o fazem com suas armas e bandeiras. Uma linha de pesquisa diferente e necessária consiste em estabelecer a relação entre os movimentos, conforme definido por suas práticas, valores e discurso, e os processos sociais aos quais parecem estar associados, por exemplo, glo-

balização, informacionalização, crise da democracia representativa e predominância da política simbólica no espaço da mídia. Em minha análise, tentarei trabalhar em ambas as linhas: a caracterização de cada movimento, nos termos de sua própria dinâmica específica, e sua interação com os processos mais amplos que sustentam sua existência e se modificam justamente em função dessa existência. A importância que atribuo ao discurso de cada movimento estará refletida em meu texto. Durante a apresentação e análise dos movimentos em questão, procurarei manter-me bem próximo de suas *palavras*, não apenas de suas idéias, de acordo com os registros dos documentos nos quais baseei meu trabalho. Contudo, para poupar o leitor das minúcias das citações bibliográficas, optei por fornecer referências genéricas aos materiais dos quais foram obtidos o discurso dos movimentos, deixando a critério e interesse do leitor a consulta, nesses materiais, das palavras exatas aqui relatadas.

Em segundo lugar, os movimentos sociais podem ser conservadores, revolucionários, ambas as coisas, ou nenhuma delas. Afinal, concluímos (espero que em definitivo) que não existe uma direção predeterminada no fenômeno da evolução social, e que o único sentido da história é a história que nos faz sentido. Portanto, do ponto de vista analítico, não há movimentos sociais “bons” ou “maus”. Todos eles são sintomas de nossas sociedades, e todos causam impacto nas estruturas sociais, em diferentes graus de intensidade e resultados distintos que devem ser determinados por meio de pesquisas. Assim, gosto dos zapatistas, não gosto das milícias norte-americanas, e fico horrorizado com a Verdade Suprema. Contudo, parto do princípio de que todos representam indícios significativos de novos conflitos sociais, germes de resistência social e, em alguns casos, de transformação social. Somente por meio de um olhar livre de opiniões preconcebidas sobre o novo cenário histórico é que seremos capazes de encontrar caminhos bem iluminados, abismos profundos e passagens ainda obscuras na nova sociedade que surge a partir das crises de nosso tempo.

Em terceiro lugar, no intuito de ordenar, *grosso modo*, o enorme volume de material extremamente variado acerca dos movimentos sociais a serem examinados neste capítulo e nos seguintes, creio que seja apropriado incluí-los em categorias nos termos da tipologia clássica de Alain Touraine, que define movimento social de acordo com três princípios: a *identidade* do movimento, o *adversário* do movimento e a visão ou modelo social do movimento, que aqui denomino *meta* societal.⁴ Em minha adaptação (que acredito estar coerente com a teoria de Touraine), *identidade* refere-se à autodefinição do movimento, sobre o que ele é, e em nome de quem se pronuncia. *Adversário* refere-se ao principal inimigo do movimento, conforme expressamente declarado pelo

próprio movimento. *Meta* societal refere-se à visão do movimento sobre o tipo de ordem ou organização social que almeja no horizonte histórico da ação coletiva que promove.

Uma vez esclarecido o ponto de partida, iniciemos nossa viagem à outra face do planeta, que diz não à globalização que defende o capital e a informatização que ostenta a bandeira da tecnologia. E onde os sonhos do passado e os pesadelos do futuro coexistem num mundo caótico de paixões, generosidade, preconceito, medo, fantasia, violência, estratégias malsucedidas e golpes de sorte. Enfim, a humanidade.

Os três movimentos que selecionei para compreender a revolta contra a globalização têm objetivos, identidades, ideologias e meios de se relacionar com a sociedade extremamente distintos.⁵ O interesse pela comparação reside precisamente nesse aspecto, porquanto esses movimentos também têm como ponto comum a oposição declarada à nova ordem global, o adversário identificado em seu discurso e em suas práticas. Além disso, todos eles provavelmente causarão impactos significativos em suas respectivas sociedades, direta ou indiretamente. Os zapatistas já transformaram o México, provocando uma crise na política corrupta e desigualdade econômica predominantes no país, e ao mesmo tempo apresentando propostas de reconstrução democrática que vêm sendo amplamente discutidas no México e em todo o mundo. As milícias norte-americanas, o componente mais combativo de um movimento sociopolítico mais abrangente que se identifica como *Os Patriotas* (ou *falsos patriotas*, como é chamado por seus críticos), têm raízes muito mais profundas na sociedade norte-americana do que normalmente se costuma admitir, sendo capazes de produzir resultados significativos e imprevisíveis no cenário de tensão da política norte-americana, conforme discutirei adiante. A Verdade Suprema, embora permaneça na condição de culto marginal no Japão, tornou-se o centro das atenções da mídia e da opinião pública por mais de um ano (1995-96), manifestando-se como sintoma de feridas não expostas e conflitos mal resolvidos, por trás do véu de serenidade da sociedade japonesa. O argumento que procuro defender ao abordar tais movimentos tão distintos e tão expressivos é justamente a grande diversidade de fontes de resistência à nova ordem global. Juntamente com o lembrete de que a ilusão neoliberal do fim da História está ultrapassada, à medida que sociedades com Histórias altamente específicas vão tendo sua desforra contra a dominação dos fluxos globais.

Os zapatistas do México: o primeiro movimento de guerrilha informacional⁶

O Movimiento Civil Zapatista opõe a solidariedade social ao crime organizado que tem suas origens no poder do dinheiro e no governo.

Manifesto do *Movimiento Civil Zapatista*, agosto de 1995

A novidade na história política mexicana foi a inversão do processo de controle contra todo e qualquer tipo de poder, com base na comunicação alternativa... A novidade trazida pelo conflito político de Chiapas foi o surgimento de diversos emissores de informações que interpretaram os eventos das mais diversas maneiras.

O fluxo de informações de domínio público que chegam à sociedade através da mídia e dos meios tecnológicos excedeu, e muito, os limites do controlável por estratégias convencionais de comunicação. Marcos deu sua opinião, a Igreja deu sua opinião, os jornalistas autônomos, as ONGs e os intelectuais, pessoas na floresta, na Cidade do México, nas capitais políticas e financeiras do mundo, todos deram sua opinião. Todas essas opiniões alternativas, veiculadas pela mídia livre, ou pela mídia fechada que sentiu o golpe da mídia livre, lançaram dúvidas quanto à forma de construção da "verdade", além de terem suscitado uma enorme gama de opiniões, inclusive a partir do próprio regime político. A visão do poder tornou-se fragmentada.

Moreno Toscano, *Turbulencia política*, p. 82

O México, a nação que gerou o protótipo da revolução social do século XX, é hoje palco de um protótipo da guerra informacional social e transnacional do século XXI.

Rondfeldt, Rand Corporation, 1995

No dia 1º de janeiro de 1994, data que marcou o início da vigência do Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), cerca de 3 mil homens e mulheres integrantes do *Ejército Zapatista de Liberación Nacional*, levemente armados, assumiram o controle das principais cidades adjacentes à Floresta de Lacandon, no estado mexicano de Chiapas, região sul do país: San Cristobal de las Casas, Altamirano, Ocosingo e Las Margaritas. A maioria dos integrantes do grupo era de índios oriundos de diversos grupos étnicos, embora houvesse também *mestizos*, e alguns de seus líderes, especialmente seu porta-voz, o subcomandante Marcos, eram intelectuais de origem urbana. Os líderes cobriam o rosto com máscaras utilizadas por esquiadores. Quando o Exército Mexicano enviou reforços, as guerrilhas fizeram uma retirada muito bem organizada para o meio da floresta tropical. Contudo, algumas dezenas

deles, juntamente com civis e vários soldados e policiais, morreram durante o confronto ou foram sumariamente executados pelos soldados. O impacto do levante no México, bem como a simpatia generalizada que a causa zapatista imediatamente inspirou no país e em todo o mundo, convenceram o presidente do México, Carlos Salinas de Gortari, a negociar. Em 12 de janeiro, Salinas anunciou um cessar-fogo unilateral, nomeando como seu “representante da paz” Manuel Camacho, respeitado político mexicano, então considerado seu provável sucessor, e recentemente afastado do governo após ter suas aspirações políticas frustradas por Salinas (ver minha análise acerca da crise política mexicana no capítulo 5). Manuel Camacho, juntamente com sua assessora intelectual de confiança, Alejandra Moreno Toscano, viajaram até Chiapas para encontrarem-se com o influente bispo católico Samuel Ruiz, e conseguiram dar início às negociações de paz com os zapatistas, que logo reconheceram o teor sincero do diálogo, embora tenham permanecido em alerta constante para evitar uma potencial repressão e/ou manipulação. Camacho leu aos rebeldes um texto em *tzotzil*, também veiculado pela mídia em *tzeltal* e *chol*: pela primeira vez na História um dos principais membros do governo mexicano reconheceu idiomas indígenas. Em 27 de janeiro foi assinado um acordo pelo qual se estabeleceu o cessar-fogo, foram libertados os prisioneiros de ambos os lados, e deu-se início a um processo de negociação voltado a uma discussão mais ampla sobre reforma política, direitos dos indígenas e reivindicações sociais.

Quem são os zapatistas?

Quem eram esses insurretos, até então desconhecidos ao resto do mundo, apesar de duas décadas de mobilizações maciças de camponeses nas comunidades de Chiapas e Oaxaca? Basicamente camponeses, a maioria índios *tzeltales*, *tzotziles* e *choles*, em geral oriundos das comunidades estabelecidas desde a década de 40 na floresta tropical de Lacandon, na fronteira com a Guatemala. Estas comunidades foram criadas com o apoio do governo na tentativa de solucionar a crise social provocada pela expulsão dos *acasillados* (camponeses sem terra que trabalham para os proprietários de terra) das *fincas* (fazendas) e ranchos pertencentes a grandes e médios proprietários, normalmente *mestizos*. Durante séculos, índios e camponeses foram explorados por colonizadores, burocratas e colonos. Por décadas, foram mantidos em um estado de total insegurança, pois as condições para assentamento mudavam continuamente, ao sabor dos interesses do governo e dos latifundiários. Em 1972, o presidente

Echeverría decidiu criar a “biorreserva” de Montes Azul e devolver a maior parte das terras cobertas por florestas a 66 famílias da tribo originalmente estabelecida em Lacandon, determinando assim a realocação de 4 mil famílias que se haviam reinstalado nesta área após terem sido expulsas das comunidades originais. Por trás das tribos de Lacandon e do repentino amor pela natureza estavam os interesses da companhia de reflorestamento Cofolasa, que contava com o apoio de uma empresa estatal de desenvolvimento, a NAFINSA, à qual foram concedidos os direitos de exploração da madeira. A maioria dos colonos recusou-se à realocação, o que serviu de estopim para uma luta de vinte anos pelo seu direito à terra, que estava ainda em curso quando Salinas assumiu a presidência em 1988. Salinas finalmente reconheceu os direitos de alguns colonos, restringindo sua generosidade, porém, aos poucos simpatizantes do PRI (*Partido Revolucionário Institucional*), isto é, o partido do governo. Em 1992, os direitos legais das comunidades indígenas, que se haviam assentado pela segunda vez, foram abolidos por decreto. Desta vez, o principal pretexto foi a Conferência sobre o Meio Ambiente realizada no Rio de Janeiro e a necessidade de preservar as florestas tropicais. A criação de gado na região também foi restringida, para benefício dos fazendeiros de Chiapas, que competiam com o contrabando de gado proveniente da Guatemala. O golpe de misericórdia desferido contra a frágil economia das comunidades camponesas veio quando as políticas de liberalização da economia mexicana dos anos 90, durante a fase de preparação para ingresso no NAFTA, aboliram as barreiras alfandegárias sobre importações de milho e acabaram com o protecionismo dos preços do café. A economia local, baseada na silvicultura, criação de gado e nas culturas de café e de milho, foi desmantelada. Além disso, o destino das terras comunitárias tornou-se incerto após a reforma promovida por Salinas por meio das emendas ao histórico artigo 27 da Constituição Mexicana, abolindo o direito de posse comunal sobre a propriedade rural por parte dos moradores das vilas (*ejidos*) em prol da comercialização em larga escala da propriedade individual, outra decisão diretamente relacionada às medidas de ajuste do México à privatização de acordo com as disposições do NAFTA. Em 1992 e 1993, os camponeses mobilizaram-se pacificamente contra essas políticas. Porém, após a grande marcha de Xi' Nich, que reuniu milhares de camponeses de Palenque à Cidade do México, ter sido ignorada, resolveram mudar sua tática radicalmente. Em meados de 1993, na maioria das comunidades de Lacandon não se plantou milho, não se colheu café, as crianças deixaram de freqüentar as escolas e o gado foi vendido para a compra de armas. Título do Manifesto dos rebeldes de 1ª de janeiro de 1994: “*Hoy decimos BASTA!*” (Hoje dizemos BASTA!)

Tais comunidades camponesas, a maioria delas formada por índios, aliadas a outros assentamentos da área de Los Altos, não estavam sozinhas nas lutas sociais em que se engajaram desde o início dos anos 70. Contaram com o apoio, e até certo ponto foram organizadas, pela Igreja Católica, por iniciativa do bispo Samuel Ruiz de San Cristobal de las Casas, que nutria certa simpatia pela teologia da libertação. Os padres não só deram apoio e legitimidade às reivindicações dos índios, mas também os ajudaram a reunir centenas de militantes de sindicatos formados por camponeses. Esses militantes dividiam seu tempo entre a Igreja e os sindicatos. Eram mais de uma centena de *tuhuneles* (ajudantes de padres), e mais de mil catequistas, a viga mestra do movimento, que acabaram formando os sindicatos de camponeses, cada um deles sediado em uma comunidade (*ejido*). O forte sentimento religioso entre os camponeses índios foi consolidado pela educação, informação e apoio fornecidos pela Igreja, resultando em conflitos freqüentes da Igreja local contra os fazendeiros e o aparato político do PRI de Chiapas. Embora a Igreja tenha exercido durante vários anos um papel decisivo na educação, organização e mobilização das comunidades camponesas indígenas, Samuel Ruiz e seus assessores opuseram-se com veemência ao conflito armado e não estavam entre os insurretos, ao contrário das acusações dos fazendeiros de Chiapas. Os militantes que organizaram essa revolta armada vieram, em sua maioria, das próprias comunidades indígenas, principalmente entre as massas de jovens, homens e mulheres, que cresceram em meio ao novo clima de crise econômica e conflito social. Outros eram remanescentes de grupos maoístas formados nas áreas urbanas do México (especialmente na Cidade do México e Monterrey) na década de 70, na esteira do movimento estudantil de 1968, esmagado durante o massacre de Tlatelolco. As *Fuerzas de Liberacion Nacional* parecem ter sido bastante ativas na área por um longo tempo, embora haja controvérsias quanto a essa questão. Sob qualquer hipótese, independentemente da origem dos militantes, tem-se a impressão de que, após uma série de reveses nas áreas urbanas, alguns revolucionários, homens e mulheres, assumiram a árdua tarefa de ganhar credibilidade entre os setores mais oprimidos do país, por meio de um trabalho paciente e da convivência diária com eles, compartilhando de suas lutas e sofrimentos. Marcos parece ter sido um desses militantes, chegando à região no início da década de 80, segundo fontes do governo, após haver concluído seus estudos em sociologia e comunicação na Cidade do México e em Paris, e lecionado ciências sociais em uma das melhores universidades da Cidade do México.⁷ Marcos é notadamente um intelectual de vasta cultura, que fala diversos idiomas, redige muito bem, conta com uma imaginação extraordinária,

grande senso de humor e põe-se muito à vontade em seu relacionamento com a mídia. Por causa de sua honestidade e dedicação, esses intelectuais revolucionários eram bem-aceitos pelos padres e, por um longo tempo, a despeito das diferenças ideológicas, trabalharam em conjunto na organização das comunidades camponesas e no apoio à sua causa. Foi somente após 1992, quando as promessas de reforma continuaram sendo apenas promessas, e quando a situação de penúria das comunidades de Lacandon agravou-se ainda mais em razão do processo de modernização econômica do México, que os militantes zapatistas montaram sua própria estrutura e deram início aos preparativos para a guerra de guerrilha. Em maio de 1993, articularam-se as primeiras escaramuças contra o exército, mas o governo mexicano abafou o incidente para evitar problemas na ratificação do NAFTA pelo Congresso norte-americano. Deve-se ressaltar, contudo, que a liderança dos zapatistas é genuinamente camponesa, e formada principalmente por índios. Marcos e outros militantes urbanos não tinham autonomia para agir por conta própria.⁸ O processo de deliberação, bem como de negociação com o governo, consistia de etapas bastante demoradas, contando com a participação efetiva das comunidades. Esse processo era fundamental pois, uma vez tomada a decisão, toda a comunidade tinha de acatá-la, a tal ponto que, em alguns casos, os moradores das aldeias eram expulsos por recusar participar do levante. Nos dois anos e meio de insurreição declarada, a esmagadora maioria das comunidades de Lacandon, como também a maioria dos índios de Chiapas, demonstraram seu apoio aos rebeldes, refugiando-se com eles na floresta quando o exército invadiu suas aldeias em fevereiro de 1995.

A estrutura de valores dos zapatistas: identidade, adversários e objetivos

As causas mais profundas da rebelião são óbvias. *Mas quais são as reivindicações, objetivos e valores dos rebeldes? De que forma vêem a si próprios e como identificam o adversário?* Por um lado, eles estão inseridos na continuidade histórica de cinco séculos de luta contra a colonização e a opressão. Com efeito, o ponto crítico do movimento dos camponeses foi a enorme manifestação de San Cristobal de las Casas em 12 de outubro de 1992, na qual o protesto ao quinto centenário da conquista espanhola foi marcado pela destruição da estátua do conquistador de Chiapas, Diego de Mazariegos. Por outro lado, eles vêem a reencarnação dessa opressão sob a forma da nova ordem global: o NAFTA, e as

reformas liberalizantes implantadas pelo presidente Salinas, que fracassaram mais uma vez na tentativa de incluir camponeses e indígenas no processo de modernização. As emendas ao histórico artigo 27 da Constituição Mexicana, que formalizaria a aceitação das reivindicações dos revolucionários agrários sob o comando de Emiliano Zapata, tornaram-se o símbolo da exclusão das comunidades camponesas pela nova ordem do livre comércio. A esta crítica, compartilhada por todo o movimento, Marcos e os demais membros acrescentaram seu próprio desafio a essa nova ordem global: a projeção do sonho revolucionário socialista para além do fim do comunismo e da dissolução dos movimentos guerrilheiros da América Central. Nas palavras irônicas de Marcos:

Não há nada mais por que lutar. O socialismo está morto. Vida longa ao conformismo, à reforma, à modernidade, ao capitalismo e a todo o tipo de cruéis *et ceteras*. Sejamos razoáveis. Que nada aconteça na cidade ou no campo, que tudo continue exatamente do jeito que está. O socialismo está morto. Longa vida ao capital. O rádio, a imprensa e a televisão repetem isso o tempo todo. Alguns socialistas, agora devidamente arrependidos, também dizem o mesmo.⁹

Assim, a oposição dos zapatistas à nova ordem global tem duas faces: eles lutam contra as conseqüências excludentes da modernização econômica, e também opõem-se à idéia de inevitabilidade de uma nova ordem geopolítica sob a qual o capitalismo torna-se universalmente aceito.

Os rebeldes reafirmaram seu orgulho indígena e lutaram pelo reconhecimento dos direitos dos índios na Constituição Mexicana. Contudo, não parece que a defesa da identidade étnica constituiu elemento predominante no movimento. Na verdade, as comunidades de Lacandon foram criadas a partir do reassentamento forçado que fragmentou as identidades originais de diferentes comunidades e as reuniu na qualidade de camponeses. Além disso, é provável que, nas palavras de Collier:

A identidade étnica já chegou a *dividir* as comunidades indígenas na região do planalto central de Chiapas. Eventos recentes, contudo, perpetraram uma transformação: hoje, na esteira da rebelião zapatista, povos de origens indígenas distintas vêm lutando pelo que compartilham contra a exploração econômica, social e política.¹⁰

Portanto, essa nova identidade indígena foi construída por meio de sua luta e acabou incluindo diversos grupos étnicos: "O elemento comum para nós é a terra que nos deu a vida e a vontade de lutar".¹¹

Os zapatistas não são subversivos, mas rebeldes legitimados. São *patriotas mexicanos*, em luta armada contra novas formas de dominação estrangeira pelo imperialismo norte-americano. E são também *democratas*, amparando-se no artigo 39 da Constituição Mexicana que assegura "o direito de alterar ou modificar sua forma de governo". Portanto, eles conclamam os mexicanos a darem seu apoio à democracia, colocando um ponto final no governo *de facto* unipartidário sustentado pela fraude eleitoral. Essa conclamação, vinda de Chiapas, o estado mexicano considerado a mais importante base eleitoral do PRI, graças aos votos tradicionalmente impostos pelos *caciques* locais, teve grande repercussão nos setores urbanos de classe média de uma sociedade mexicana ansiosa por liberdade e farta da corrupção sistêmica. O fato de que a revolta ocorreu precisamente no ano das eleições presidenciais, e em uma eleição em que se esperava um menor controle do PRI sobre o Estado, não só foi um indicativo da habilidade tática dos zapatistas, mas também contribuiu muito para protegê-los de uma repressão sem precedentes. A intenção do presidente Salinas era ser lembrado como o responsável pela modernização econômica e abertura política, não apenas para passar para a História, mas para garantir seu próximo emprego: o cargo de primeiro-secretário geral da recém-formada Organização Mundial de Comércio, justamente a instituição incumbida de articular a nova ordem econômica mundial. Diante de tais circunstâncias, parece pouco provável que um economista formado em Harvard usaria de repressão militar contra um autêntico movimento de camponeses e indígenas lutando contra a exclusão social.

A estratégia de comunicação dos zapatistas: a Internet e a mídia

O sucesso dos zapatistas deveu-se, em grande parte, à sua estratégia de comunicação, a tal ponto que eles podem ser considerados o *primeiro movimento de guerrilha informacional*. Eles criaram um evento de mídia para difundir sua mensagem, ao mesmo tempo tentando, desesperadamente, não serem arrastados a uma guerra sangrenta. Naturalmente houve mortes e guerras de verdade, e Marcos, bem como seus camaradas, estavam prontos para morrer. Contudo, a guerra real não fazia parte de sua estratégia. Os zapatistas fizeram uso das armas para transmitir sua mensagem, e então divulgaram à mídia mundial a possibilidade de serem sacrificados no intuito de forçar uma negociação e adiantar uma série de reivindicações bastante razoáveis que, segundo pesquisas de opinião, tiveram grande apoio da sociedade mexicana em geral.¹² A

comunicação autônoma foi uma das principais metas estabelecidas pelos zapatistas:

Quando as bombas estavam caindo sobre as montanhas ao sul de San Cristobal, nossos combatentes resistiam aos ataques das tropas federais e o ar recendia a pólvora e a sangue, o "Comite Clandestino Revolucionario Indígena del EZLN" me chamou e disse mais ou menos o seguinte: devemos dizer o que temos de dizer e sermos ouvidos. Se não fizermos isso já, outros assumirão nossas vozes e mentiras "sairão" de nossas bocas contra nossa vontade. Procure um meio de manifestar nossas idéias a todos que se dispõem a ouvi-las.¹³

A capacidade de os zapatistas comunicarem-se com o mundo e com a sociedade mexicana e de captarem a imaginação do povo e dos intelectuais acabou lançando um grupo local de rebeldes de pouca expressão para a vanguarda da política mundial. Nesse sentido, Marcos desempenhou um papel fundamental. Ele não detinha o controle organizacional de um movimento originado nas comunidades indígenas, tampouco demonstrou qualquer sinal que o revelasse um brilhante estrategista militar, embora tenha sido astuto o bastante para ordenar a retirada sempre que o exército esteve prestes a prendê-lo. Entretanto, possuía extraordinária capacidade de estabelecer um elo de ligação com a mídia, por meio de textos bem redigidos e do *mise-en-scène* (a máscara, o cachimbo, entrevistas marcadas), logrando sucesso com suas atitudes meio que de forma inesperada, como no caso da máscara, que exerceu importante papel na popularização da imagem dos revolucionários: em todo o mundo, qualquer um poderia tornar-se zapatista, bastando para isso usar uma máscara. Além disso (embora possa estar correndo o risco de teorização excessiva), a máscara representa um ritual bastante recorrente nas culturas indígenas do México pré-colombiano, de forma tal que a rebelião, a uniformização das faces e o *flashback* histórico acabaram interagindo, resultando em um dos mais inovadores "recursos dramáticos" de revolução. Um elemento essencial nessa estratégia foi o uso das telecomunicações, vídeos e comunicação via computador pelos zapatistas, visando tanto difundir suas mensagens de Chiapas para o mundo (embora essas mensagens provavelmente não tenham sido transmitidas da floresta) quanto organizar uma rede mundial de grupos de solidariedade que literalmente cercaram as intenções repressoras do governo mexicano: por exemplo, durante a invasão pelo exército das áreas controladas pelos rebeldes em 9 de fevereiro de 1995. É interessante destacar que, quando a Internet começou a ser utilizada pelos zapatistas, foram incorporados dois elementos inovadores surgidos nos anos 90:

a criação da *La Neta*, uma rede alternativa de comunicação computadorizada no México e em Chiapas, e sua utilização por grupos femininos (principalmente pelo "*De mujer a mujer*") para conectarem as ONGs de Chiapas com as demais mulheres do México, como também com outras redes acessadas por mulheres nos EUA. A *La Neta*,¹⁴ criada a partir da conexão estabelecida em 1989-93 entre as ONGs mexicanas, mantidas pela Igreja Católica, e o Instituto de Comunicação Global em São Francisco, mantido por especialistas em informática que dedicam parte de seu tempo e conhecimentos especializados a causas consideradas justas. Em 1994, com uma verba doada pela Fundação Ford, a *La Neta* conseguiu estabelecer, no México, uma conexão com um provedor privado. Em 1993, *La Neta* já havia sido instalada em Chiapas, tendo como finalidade colocar ONGs locais *on-line*, inclusive o Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos "Bartolome de las Casas", e mais uma dúzia de organizações que acabaram desempenhando um papel importante no fornecimento de informações ao mundo durante o levante zapatista. A utilização amplamente difundida da Internet permitiu aos zapatistas disseminarem informações e sua causa a todo o mundo de forma praticamente instantânea, e estabelecerem uma rede de grupos de apoio que ajudaram a criar um movimento internacional de opinião pública que praticamente impossibilitou o governo mexicano de fazer uso da repressão em larga escala. As imagens e as informações provenientes dos zapatistas, e a respeito deles, atuaram de maneira decisiva sobre a economia e a política mexicanas. Nas palavras de Martinez Torres:

O ex-presidente Salinas gerou uma "bolha econômica" que, durante muitos anos, permitiu a ilusão de prosperidade com base em um ingresso maciço de investimentos especulativos em títulos do governo remunerados por altas taxas de juros que, por sua vez, através de uma espiral de dívida e déficit comercial, assegurou às classes média e operária o direito de usufruir momentaneamente de uma série de bens de consumo importados. No entanto, em virtude da facilidade com que foram atraídos os investidores, qualquer abalo na confiança destes geraria pânico no mercado e implicaria a venda maciça dos títulos mexicanos, afigurando-se a possibilidade de colapso no sistema. De fato, a economia mexicana (em 1994) resumiu-se a um enorme jogo de confiança. Uma vez que a confiança é basicamente criada pela manipulação das informações, pode ser dissipada exatamente da mesma forma. Na nova ordem mundial, em que a informação é o bem mais valioso, ela pode ser também muito mais poderosa que as balas.¹⁵

Isso foi fundamental para o sucesso dos zapatistas. Não que eles tenham deliberadamente sabotado a economia. Mas foram protegidos da repressão

absoluta por sua inabalável conexão com a mídia, bem como pelas alianças estabelecidas em todo o mundo via Internet forçando o governo a negociar, e levando ao conhecimento da opinião pública mundial a questão da exclusão social e da corrupção política.

Especialistas da Rand Corporation concordam com essa análise,¹⁶ tendo previsto a eventualidade de “guerras informacionais” do tipo zapatista desde 1993: “Cada vez mais, as forças revolucionárias do futuro podem consistir de redes multiorganizacionais amplamente difundidas e desprovidas de uma identidade nacional particular, que aleguem ter como origem a sociedade civil, e incluam grupos e indivíduos agressivos, ardorosos defensores do uso de tecnologia avançada para a comunicação, bem como para a munição”.¹⁷ Os zapatistas parecem ter transformado em realidade o pior dos pesadelos dos especialistas da nova ordem global.

A relação contraditória entre movimento social e instituição política

Embora o impacto das reivindicações dos zapatistas tenha abalado o sistema político mexicano, e até mesmo a economia do país, elas se tornaram intrincadas em sua relação contraditória com o próprio sistema político. Se, por um lado, os zapatistas defenderam a democratização do sistema político, reiterando reivindicações semelhantes oriundas da sociedade mexicana como um todo, por outro, jamais foram capazes de definir com exatidão o significado de seu projeto político, o que implicaria atribuir-lhe outro significado que não a óbvia condenação da fraude eleitoral. Nesse ínterim, o PRI havia sido irreversivelmente abalado, tendo-se dividido em grupos que estavam literalmente se matando (ver capítulo 5). As eleições presidenciais de agosto de 1994 foram razoavelmente honestas, dando a Zedillo, um desconhecido candidato do PRI colocado em evidência por circunstâncias acidentais, uma vitória traçada pelo medo do desconhecido. Ironicamente, as reformas políticas conduzidas durante o processo eleitoral, em parte como resultado da pressão exercida pelos zapatistas, acabaram contribuindo para a legitimidade da eleição, após o acordo celebrado em 27 de janeiro de 1994 entre todos os candidatos a presidente. O partido opositorista de esquerda, cujo líder fora rejeitado pelos zapatistas, sofreu pesadas baixas eleitorais por ter procurado o apoio de Marcos. Em agosto de 1994, os zapatistas convocaram uma Convenção Democrática Nacional em um local na floresta de Lacandon que chamaram de

Aguascalientes, o nome do local histórico em que, em 1915, líderes revolucionários (Villa, Zapata, Orozco) reuniram-se para estabelecer a Convenção Revolucionária. Apesar da participação maciça de organizações de base popular, partidos de esquerda, intelectuais e da mídia, Aguascalientes acabou se esgotando no próprio simbolismo do evento, um encontro efêmero que se mostrou incapaz de traduzir a nova linguagem zapatista em política convencional e esquerdista. Assim, em maio de 1995, em meio a negociações bastante arrastadas com o governo em San Andres Larrainzar, os zapatistas fizeram uma consulta popular sobre a possibilidade de tornarem-se uma força política civil. A despeito de algumas dificuldades óbvias (afinal, ainda eram uma organização rebelde), quase dois milhões de pessoas participaram da consulta em todo o México, em que a esmagadora maioria deu parecer favorável à proposta. Desta forma, em janeiro de 1996, em comemoração aos dois anos de sua revolta, os zapatistas optaram por se transformar em partido político, buscando total participação no processo político. Contudo, decidiram também manter-se armados até que chegassem a um acordo com o governo sobre todos os pontos de conflito. Em janeiro de 1996, foi celebrado um importante acordo sobre o futuro reconhecimento constitucional dos direitos dos índios. No entanto, as negociações sobre a reforma política e assuntos de ordem econômica ainda estavam sendo discutidos quando da elaboração deste livro (outubro de 1996). Uma questão particularmente complexa parece ter sido a reivindicação das comunidades indígenas de manterem a propriedade de suas terras, tendo direito inclusive aos recursos do subsolo, uma exigência rejeitada com veemência pelo governo mexicano, considerando ser de ampla aceitação a idéia de que a área de Chiapas é rica em hidrocarbonos. Quanto à reforma política, a relutância do PRI em abrir mão de sua permanência no poder dificultou muito o acordo.

As perspectivas futuras de um partido político zapatista são incertas. Por um lado, no final de 1996, Marcos continua sendo um dos líderes mais populares de todo o México. Por outro, boa parte de sua popularidade está vinculada à sua condição de mito revolucionário. Na função de *político* fatalmente inclinado a conchavos, Marcos pode perder muito de sua imagem positiva, algo a que parece estar atento. Assim, na época da elaboração desta obra, ele e seus *compañeros* hesitavam em dar prosseguimento à total institucionalização de sua postura política, muito embora seja este o resultado mais provável de seu levante, em um contexto em que a transformação do sistema político mexicano ainda é incerta.

Seja qual for o destino dos zapatistas, a revolta por eles organizada definitivamente mudou o México, impondo um desafio à lógica unilateral da mo-

dernização, característica da nova ordem global. Atuando sobre as profundas contradições existentes no PRI entre os defensores da modernização e os interesses de um aparato político corrupto do partido, o debate desencadeado pelos zapatistas contribuiu consideravelmente para romper a hegemonia do PRI no México. A economia mexicana, próspera e eufórica em 1993, teve expostas todas as suas fraquezas, o que fez com que os opositores ao NAFTA nos EUA exigissem justificativas. Excluídos dos atuais processos de modernização da América Latina, os camponeses indígenas (cerca de 10% da população do país) repentinamente “passaram a existir”. Uma reforma constitucional em trâmite no Congresso em novembro de 1996 reconhece o caráter multicultural do México, garantindo novos direitos aos índios, e aprova a publicação de livros escolares em 30 idiomas indígenas, a serem utilizados nas escolas públicas. Os serviços de saúde e educação melhoraram em diversas comunidades indígenas, e um governo autônomo limitado estava em processo de implantação.

A afirmação da identidade cultural indígena, ainda que de forma reconstruída, esteve vinculada à sua revolta contra abusos vergonhosos. Contudo, sua luta por dignidade foi amparada de maneira decisiva pela filiação religiosa expressa na corrente do catolicismo populista profundamente arraigado na América Latina, bem como pelos últimos bastiões da esquerda marxista no México. Que essa esquerda, construída sobre a idéia do proletariado lutando pelo socialismo com suas próprias armas, tenha sido transformada em um movimento de camponeses indígenas do grupo dos excluídos lutando pela democracia e em defesa de seus direitos constitucionais, pela Internet e pela mídia, evidencia o grau de profundidade da transformação dos caminhos de libertação da América Latina. Revela também que a nova ordem global provoca múltiplas desordens locais, causadas pelas fontes de resistência historicamente enraizadas à lógica dos fluxos globais de capital. Os índios de Chiapas que lutam contra o NAFTA por meio de aliança com ex-militantes maoístas e teólogos da libertação representam uma expressão bastante característica da velha busca pela justiça social dentro dos novos cenários históricos.

Às armas contra a nova ordem mundial: a Milícia Norte-Americana e o Movimento Patriótico dos anos 90¹⁸

Em suma, a Nova Ordem Mundial é um sistema utópico em que a economia dos Estados Unidos (assim como a economia de qualquer outra nação) será “globalizada”; os níveis salariais de todos os trabalhadores norte-america-

nos e europeus serão nivelados por baixo com base nos salários pagos aos trabalhadores do Terceiro Mundo; para todos os fins práticos, as fronteiras nacionais deixarão de existir; um fluxo cada vez maior de imigrantes do Terceiro Mundo para os Estados Unidos e Europa acabará resultando em uma maioria não-branca espalhada por todas as áreas do planeta anteriormente habitadas pelos brancos; uma elite formada por financistas internacionais, especialistas da mídia e dirigentes de corporações multinacionais vai dar as cartas; e as forças de paz das Nações Unidas serão empregadas para impedir a iniciativa de qualquer um que decida optar por ficar de fora desse sistema.

William Pierce, *National Vanguard*¹⁹

A Internet foi uma das principais razões pelas quais o movimento das milícias expandiu-se mais rapidamente que qualquer grupo fundamentado no ódio de que se tem notícia na História. A ausência de um núcleo organizado foi compensada com vantagem pelo poder de comunicação e de discussão instantâneas desse novo meio. Qualquer membro da milícia na remota Montana que tenha um computador e um modem já pode fazer parte de uma rede mundial que compartilhe, de seus pensamentos, aspirações, estratégias organizacionais e temores — uma família global.

Kenneth Stern, *A Force Upon the Plain*, p. 228

A explosão de um caminhão carregado de explosivos produzidos à base de fertilizantes em Oklahoma City em 19 de abril de 1995 não mandou pelos ares apenas um edifício do governo federal, matando 169 pessoas. Expôs uma poderosa subcorrente da sociedade norte-americana, até então relegada à marginalidade política e enquadrada nos tradicionais grupos fundamentados no ódio. Timothy McVeigh, o principal suspeito da autoria do atentado, costumava levar consigo o romance de William Pierce sobre uma facção de resistência, denominada *Os Patriotas*, que explode um edifício do governo. Segundo informações, McVeigh teria telefonado a Pierce algumas vezes antes do atentado a bomba em Oklahoma. Descobriu-se que McVeigh e seu colega de serviço militar, Terry Nichols (ambos aguardando julgamento neste ano de 1996) mantinham algum vínculo com a Milícia de Michigan. A explosão ocorreu no segundo aniversário do episódio de Waco, em que a maioria dos membros do culto davidiano, e seus filhos, foram mortos durante um cerco de agentes federais, um fato denunciado como um verdadeiro grito de guerra, pelas milícias espalhadas por todos os Estados Unidos.²⁰

As milícias não são grupos terroristas, contudo é bem provável que alguns de seus membros estejam organizados em uma forma de movimento diversa, mas ideologicamente semelhante ao terrorismo, os “patriotas da resis-

tência”. Esse grupo é constituído de facções autônomas e clandestinas que estabelecem suas próprias metas de acordo com as visões predominantes no movimento. No período compreendido entre 1994 e 1996, acredita-se que uma série de explosões, roubos a banco, sabotagens em ferrovias e outros atos de violência tenham sido cometidos por esses grupos, e a intensidade e letalidade de suas ações estão crescendo. Toneladas de explosivos vêm sendo furtadas de estabelecimentos comerciais e armamentos de uso exclusivo das Forças Armadas, inclusive mísseis portáteis Stinger, têm desaparecido dos arsenais militares. Tentativas de desenvolvimento de armas bacteriológicas têm sido descobertas. E dezenas de milhares de “patriotas” em todos os Estados Unidos estão munidos de armas de guerra, além de participarem de treinamentos regulares em táticas de guerrilha.²¹

As milícias representam a ala mais ativa e organizada de um movimento bem mais amplo, autoproclamado “Movimento Patriótico”,²² cujo universo ideológico compreende organizações bem estabelecidas e extremamente conservadoras, tais como a John Birch Society; toda uma série de grupos tradicionais supremacistas brancos, neonazistas e anti-semitas, inclusive a Ku Klux Klan e a *Posse Comitatus*; grupos religiosos fanáticos como a Identidade Cristã, uma seita anti-semítica emanada do israelismo britânico da Inglaterra vitoriana; grupos opositores ao governo federal, como os Movimentos em Defesa dos Direitos dos Condados, a coalizão antiambiental *Wise Use*, o Sindicato Nacional dos Contribuintes e os defensores dos tribunais de “Justiça Comum”. O universo dos patriotas também se estende, de forma bem menos comprometida, em direção à poderosa Coalizão Cristã, bem como a diversos grupos militantes do “Right to Life” (movimento antiaborto), além de contar com a simpatia de muitos dos membros da National Rifle Association e dos defensores do porte e uso de armas. Segundo fontes fidedignas,²³ o apelo direto dos patriotas pode atingir cerca de 5 milhões de pessoas nos Estados Unidos, muito embora a própria natureza do movimento, com limites pouco distintos e falta de estrutura formal de participação, impossibilite o levantamento de estatísticas mais precisas. Contudo, pode-se estimar a influência do movimento em termos de milhões, e não milhares, de simpatizantes. O que esses grupos tão díspares, à primeira vista sem qualquer tipo de relação entre si, passaram a compartilhar nos anos 90, e o que aumenta o apelo de sua causa, é um inimigo comum declarado: o governo federal dos EUA, como representante da “Nova Ordem Mundial,” estabelecida a contragosto dos cidadãos norte-americanos. De acordo com as idéias predominantes no movimento patriótico como um todo, essa “Nova Ordem Mundial”, tendo por principal

objetivo a destruição da soberania norte-americana, vem sendo constituída a partir de uma conspiração de interesses financeiros globais e de burocratas internacionais que passaram a exercer controle sobre o governo federal dos Estados Unidos. No coração de todo o sistema encontra-se a Organização Mundial de Comércio, a Comissão Trilateral, o Fundo Monetário Internacional e, sobretudo, as Nações Unidas, cujas “forças de paz” são vistas como um exército internacional mercenário, tendo em sua vanguarda policiais de Hong Kong e unidades Gurcu, dispostas a suprimir a soberania do povo. Na concepção dos patriotas, quatro acontecimentos parecem confirmar a existência de tal conspiração: a aprovação do NAFTA em 1993; a Lei Brady sancionada por Clinton em 1994, que estabelece controles mais rigorosos sobre a venda de certos tipos de armas automáticas; o cerco ao supremacista branco Randy Weaver em Idaho, que resultou no assassinato de sua esposa pelo FBI, em 1992; e a tragédia de Waco, levando à morte David Koresh e seus seguidores em 1993. Uma leitura paranóica desses acontecimentos convenceu-os de que o governo estava tomando medidas que visavam desarmar os cidadãos para subjugar-los mais tarde, submetendo os norte-americanos à vigilância por meio de câmeras ocultas e helicópteros negros, e implante de biochips nos recém-nascidos. À tamanha ameaça global aos empregos, à privacidade e à liberdade, e ao próprio *American way of life*, eles opuseram a Bíblia e a Constituição Americana original, completamente “expurgada” das Emendas. De acordo com esses textos, ambos de inspiração divina, estão asseguradas a soberania dos cidadãos e sua participação direta nos governos dos condados, sem a necessidade de qualquer reconhecimento da autoridade do governo federal, de suas leis, tribunais, tampouco da legitimidade do *Federal Reserve Bank* (FED). A opção é radical. Nos termos da Milícia de Montana, criada em fevereiro de 1994, considerada um modelo de inspiração organizacional para todo o movimento: “Aliste-se no Exército e Sirva à ONU ou Aliste-se na América e Sirva à Milícia” (lema da *home page* na WWW da Milícia de Montana). Os agentes federais, principalmente os representantes da Divisão de Bebidas Alcoólicas, Fumo e Armas de Fogo, são vistos como a linha de frente da repressão contra os norte-americanos em nome do governo mundial emergente. Aos olhos da Milícia, isso justifica tornar os agentes federais potenciais alvos do movimento. Exatamente como o famoso apresentador Gordon Liddy disse em um de seus programas: “Eles colocaram um enorme alvo [no peito]: ATF (sigla em inglês que representa bebidas, fumo e armas de fogo). Não atirem no peito, porque eles usam colete. Tem de ser na cabeça, bem na cabeça! Matem os desgraçados!”²⁴ Em alguns dos segmentos desse movimento patriótico alta-

mente diversificado existe também uma poderosa mitologia fundada em concepções apocalípticas do mundo e nas profecias do Fim dos Tempos (ver capítulo 1). Tendo em mãos o Apocalipse, capítulo 13, pregadores como o apresentador de TV evangélico Pat Robertson, líder da Coalizão Cristã, relembra os cristãos de que eles podem ser tentados a submeter-se à satânica “Marca da Besta”, identificada sob diversas maneiras, tais como novos códigos em cédulas de dinheiro, códigos de barra de supermercados ou tecnologia de microprocessadores.²⁵ A resistência à nova ordem global não temente a Deus, anunciada para o Fim dos Tempos, é tida como um dever cristão e um direito dos cidadãos norte-americanos. No entanto, os tons sinistros da mitologia do movimento por vezes acabam obscurecendo seu perfil, subestimando sua importância social e política. Por essa razão, é importante atentar para a diversidade do movimento, ao mesmo tempo destacando seu comunalismo inerente.

As milícias e os patriotas: uma rede de informações de múltiplos temas

As milícias, ou seja, cidadãos armados que se organizam com o propósito de defender seu país, sua religião e sua liberdade, são instituições que desempenharam importante papel durante o primeiro século da história dos Estados Unidos.²⁶ As milícias estaduais foram substituídas pelas guardas nacionais estaduais em 1900. Entretanto, na década de 1990, a começar pela Milícia de Montana, grupos populistas de direita formaram “milícias não-organizadas”, valendo-se de ambigüidades existentes na legislação federal para burlar a proibição prevista por lei de se formar unidades militares alheias ao controle do governo. O traço mais característico das milícias é o fato de estarem armadas, por vezes com armas de guerra, e estruturadas em uma base de comando de cunho militar. Por volta do final de 1995, a KMTF contou 441 milícias ativas nos 50 estados norte-americanos, com campos de treinamento paramilitares em pelo menos 23 estados (figura 2.1). Os números referentes ao total de membros ativos das milícias são difíceis de se precisar. Em 1995, Berlet e Lyons arriscaram uma estimativa entre 15 e 40 mil membros.²⁷ Ao que tudo indica, esses grupos estão aumentando rapidamente. Não existe nenhuma organização nacional. A milícia de cada estado é independente, e às vezes há várias milícias em um mesmo estado que não mantêm nenhum tipo de relação entre si: segundo fontes da polícia local, há 33 em Ohio, com cerca de mil

membros e centenas de milhares de simpatizantes.²⁸ A Milícia de Montana é o exemplo clássico, mas a maior delas é a de Michigan, com milhares de membros ativos. À parte do ponto comum do movimento, isto é, a oposição à nova ordem mundial e ao governo federal, sua ideologia é altamente diversificada. A esmagadora maioria de seus membros é branca, cristã e predominantemente masculina. Certamente que incorporam a suas fileiras um número significativo de racistas, anti-semitas e machistas. Contudo, a maioria dos grupos integrantes das milícias não se define como racista ou machista, e algumas delas (por exemplo, a Milícia de Michigan) mantêm uma postura declaradamente anti-racista em sua propaganda. De acordo com a análise realizada por Zook nas *home pages* na WWW de onze das milícias mais importantes, sete continham propaganda anti-racista, quatro não faziam qualquer menção acerca de raça e nenhuma apresentava idéias explícitas de racismo.²⁹ Duas delas assumiam uma posição antimachista, duas demonstravam-se favoráveis ao ingresso de mulheres e as demais sequer faziam menção a assuntos relativos à “guerra dos sexos”. A Milícia de Michigan chegou até mesmo a recusar-se a apoiar os “homens livres de Montana” durante seu cerco de uma fazenda em 1996 por eles serem racistas. E uma das *home pages* da Milícia “E Pluribus Unum”, integrante da Milícia de Ohio, é mantida por um casal afro-americano e fundamentalista cristão. Há que se considerar que todas essas afirmações podem ser inverdades, porém, dada a importância do uso da Internet no contato com novos membros, não seria coerente transmitir uma noção falsa da ideologia para a qual são arregimentados os novos recrutas. Parece que as milícias e os patriotas, embora incorporem grupos tradicionalmente racistas, anti-semitas e fundamentados no ódio, possuem uma base ideológica bem mais ampla, e esse é justamente um dos motivos de seu recente sucesso. Trata-se da capacidade desses movimentos de abarcar todo o espectro ideológico representado pelos núcleos de desafetos contra o governo federal. Como afirma o relatório da KMTF:

Ao contrário de seus facciosos antecessores, defensores da supremacia branca, os patriotas têm demonstrado a capacidade de superar diferenças ideológicas de pouca importância tendo em vista uma unidade mais coesa contrária ao governo. Como consequência, deram origem à força rebelde mais apelativa da história atual, que abriga uma enorme variedade de grupos antigovernamentais cujos papéis organizacionais podem ser extraordinariamente distintos.³⁰

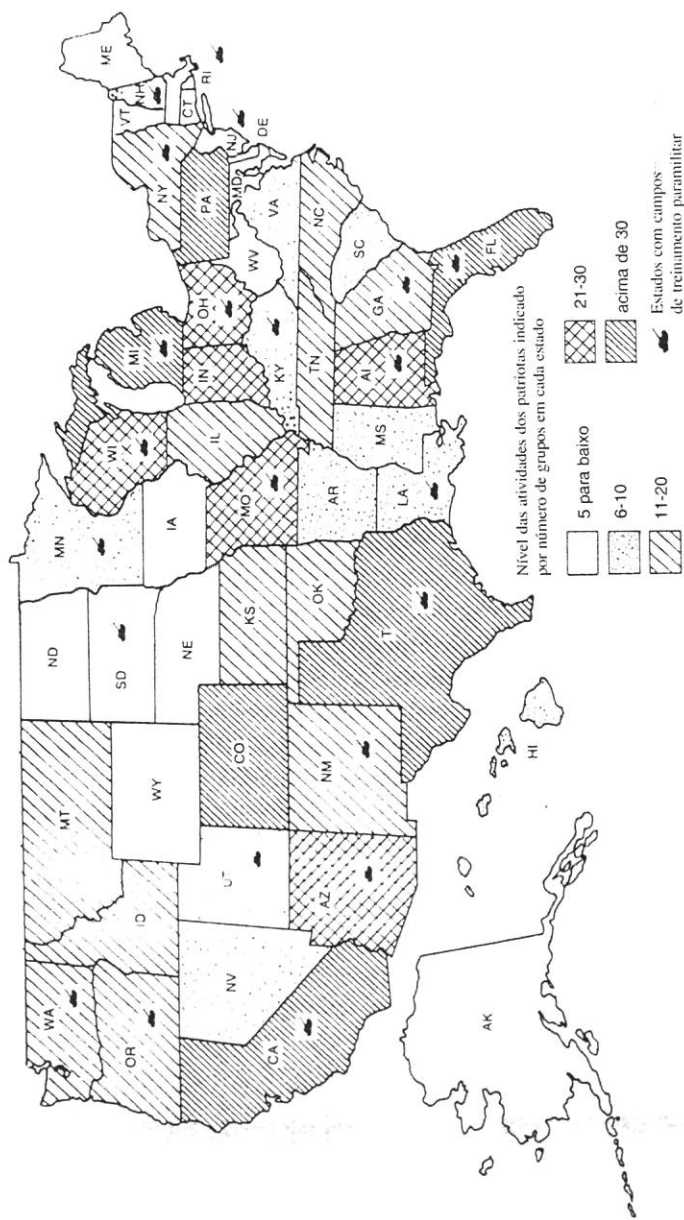


Figura 2.1. Distribuição geográfica dos grupos patriotas nos EUA por número de grupos e campos de treinamento paramilitar nos estados norte-americanos, 1996.

Fonte: Southern Poverty Law Center, Klanwatch/Militia Task Force, Montgomery, Alabama, 1996

Duas subdivisões do movimento patriótico que se encontram em franca expansão são o Movimento em Defesa dos Direitos dos Condados e os tribunais de “Justiça Comum”. O primeiro deles é a ala militante da coalizão *Wise Use*, que vem exercendo influência crescente nos estados da região oeste do país. A coalizão oferece resistência às regulamentações ambientais estabelecidas pelo governo federal e apela para “o costume e a cultura” da extração de madeira, recursos minerais e formação de pastagens em áreas do governo. Para seus membros, o zoneamento estabelecido pelo governo para utilização do solo é equiparado ao socialismo, e a administração do ecossistema é considerada parte da desprezível nova ordem mundial.³¹ Portanto, o movimento defende o direito de os xerifes prenderem administradores federais de terras, o que tem gerado uma série de incidentes violentos. O povo e as comunidades são orientados para que reconheçam única e exclusivamente a autoridade dos funcionários eleitos nos âmbitos do município e do condado, rejeitando o direito do governo federal de criar leis que regulamentam o uso da propriedade dos cidadãos. Setenta condados aprovaram as portarias do *Wise Use*, que reivindicaram o controle local sobre as terras de domínio público, e o uso da violência intimidou os ambientalistas e os administradores federais desde o Novo México e Nevada até o norte de Idaho e o estado de Washington. Criaram-se tribunais de Justiça Comum em 40 estados, fundamentados em uma série de livros e vídeos que procuram apresentar prerrogativas legais para que as pessoas se sintam no direito de rejeitar o sistema judiciário, estabelecendo seus próprios “juízes”, “julgamentos” e “júris”. Amparados na Bíblia e em suas próprias interpretações da legislação, chegaram até mesmo a criar um “Supremo Tribunal de Justiça Comum” com 23 juízes. Os defensores da Justiça Comum declaram-se “soberanos”, ou seja, homens livres, e portanto recusam-se a pagar impostos e previdência social, a observar as normas para a obtenção de carteira de habilitação e a submeter-se a controles governamentais que não tenham sido contemplados na Constituição norte-americana original. No intuito de resguardar sua soberania e fazer retaliações contra as autoridades do governo, é prática comum impetrarem mandados de segurança contra certos funcionários públicos e juízes, instaurando um verdadeiro caos em diversos tribunais municipais. Como um desdobramento do movimento pela Justiça Comum, uma rede de pessoas que vem se expandindo rapidamente, de Montana à Califórnia, ignora a autoridade do *Federal Reserve* para a emissão de papel-moeda, emitindo seus próprios documentos bancários, inclusive cheques administrativos com uma tecnologia tão avançada que não raro acabam sendo descontados, levando a prisões por fraude e falsificação.

Tais práticas vêm tornando o movimento pela Justiça Comum o mais provocador entre todos os grupos de patriotas, que esteve na raiz do conflito de três meses entre os "homens livres" e o FBI em uma fazenda em Jordan, Montana, em 1996.

Esse movimento amplamente diversificado, quase caótico, não pode ser uma organização estável, e nem mesmo articulada. Não obstante, a homogeneidade de sua visão básica de mundo e, principalmente, a característica de identificação de um inimigo comum são dignos de nota. Isso acontece porque os vínculos entre grupos e indivíduos efetivamente existem, contudo são estabelecidos pela mídia (principalmente o rádio), como também por meio de livros, panfletos, preleções e imprensa alternativa, fax e, sobretudo, pela Internet.³² Segundo a KMTF, "o computador é a arma mais vital do arsenal do movimento patriótico".³³ Existem na Internet diversos sistemas de boletins informativos, *home pages* e *chats*: por exemplo, o grupo MAM da Usenet, criado em 1995. Várias razões têm sido apontadas para tamanha difusão do uso da Internet por membros das milícias. Primeiro, conforme ressalta Stern, "A Internet constitui a cultura perfeita para o desenvolvimento do vírus das teorias de conspiração. Nas mensagens que aparecem na tela, praticamente não há como distinguir lixo de informações merecedoras de crédito... Para entusiastas de conspirações como os membros das milícias, afirmações lançadas no ciberespaço, cuja veracidade não pode ser confirmada, acabam por reafirmar suas conclusões já estabelecidas por um fluxo ininterrupto de 'evidências' complementares".³⁴ Além disso, o espírito de fronteiras ilimitadas, uma das principais características da Internet, cai como uma luva para os "homens livres", que se demonstram capazes de fazer manifestações em defesa de suas causas sem qualquer tipo de mediação ou controle do governo. Um traço ainda mais significativo é que a estrutura de rede da Internet reproduz com fidelidade a agregação autônoma e espontânea das milícias, bem como a dos patriotas em geral, sem fronteiras, desprovidos de um plano definido, mas compartilhando de um objetivo, um sentimento e, sobretudo, um inimigo comum. Assim, a Internet (com o auxílio do fax e da mala-direta) passou a ser utilizada como principal instrumento de expansão e de organização do movimento. Foi por intermédio da *Associated Electronic Network News*, mantida pelos Thompsons em Indianápolis, que se difundiu uma teoria de conspiração, segundo a qual o atentado de Oklahoma teria sido um ato de provocação por parte do governo federal semelhante ao incêndio do *Reichstag* a mando de Hitler, utilizado como justificativa para combater as milícias de forma bem mais incisiva. Outros sistemas de boletins informativos, como a "Paul Revere

Net", estabelecem a interconexão de grupos em todo o país, trocam informações, espalham boatos e coordenam ações das mais diversas naturezas. Por exemplo, relatórios confidenciais informam aos usuários que Gorbachev, após seu discurso na Califórnia em que afirmou estarmos "entrando em uma nova ordem mundial", se escondera em uma base naval no sul da Califórnia para supervisionar o desmantelamento das forças armadas dos Estados Unidos preparando o terreno para a chegada do exército dessa nova ordem. De fato, a tal chegada realmente aconteceu em maio de 1996, quando uma base permanente foi estabelecida no Novo México para o treinamento de centenas de pilotos alemães trabalhando em cooperação com a Força Aérea dos Estados Unidos. Ou isso foi o que devem ter pensado as milhares de pessoas que congestionaram a central telefônica do Pentágono ao serem informadas pela reportagem da CNN sobre a inauguração dessa base.

Programas de rádio também são importantes. A audiência de Rush Limbaugh, estimada em 20 milhões de pessoas em 600 estações retransmissoras espalhadas por todo o país, constitui instrumento de influência política sem precedentes nos Estados Unidos da década de 90. Embora Limbaugh não seja um simpatizante das milícias, seus temas ("feminazistas", "eco-wacos") acabam tendo sua repercussão no movimento. Outros programas de rádio bastante populares estão mais afinados com os patriotas: o programa de Gordon Liddy, entremeadado de ligações telefônicas, ou ainda *The Intelligence Report*, apresentado pelo supremacista branco Mark Koerneke. Canais alternativos de TV a cabo, que veiculam assuntos semelhantes a audiências com praticamente o mesmo perfil, incluem a *National Empowerment Television*, o *Jones Intercable* e a *Paragon Cable* controlada pela Time-Warner na Flórida, que apresenta o *Race&Reason*, um programa racista anti-semita. Numerosos jornais e informativos, tais como o *Spotlight* de Washington DC ou o livro supremacista branco *The Turner Diaries*, integram-se a uma rede extensa e altamente descentralizada de mídia alternativa. Essa rede é responsável pela difusão de informações dirigidas, exprime os ressentimentos das pessoas, torna públicas idéias extremistas de direita, espalha boatos sobre conspirações e alimenta a mitologia apocalíptica que se transformou na maior referência cultural para o populismo de direita do final do milênio. Assim, enquanto o FBI inutilmente sai a campo em busca de provas de uma conspiração que trama a derrubada do governo pela força, a verdadeira conspiração, anônima (ou plurinomial) e desprovida de organização (ou com centenas delas), flui livremente nas redes de informação, nutrindo paranóias, integrando diferentes tipos de ódio e, provavelmente, causando derramamento de sangue.

As bandeiras dos patriotas

Apesar de suas múltiplas facetas, o movimento patriótico, tendo como vanguarda as milícias, realmente compartilha de objetivos, crenças e inimigos comuns. É justamente esse conjunto de valores e finalidades o responsável pela construção de uma visão de mundo e, em última análise, da definição do movimento propriamente dito.

Existe uma visão subjacente de mundo e de sociedade, simples, porém muito forte, que se manifesta sob diversas formas no movimento patriótico. De acordo com essa visão, os cidadãos dos Estados Unidos subdividem-se em dois tipos: os produtivos e os parasitas. Os produtivos, trabalhadores em geral, estão comprimidos entre duas camadas de parasitas: no topo, autoridades governamentais corruptas, elites empresariais e banqueiros; na base, pessoas estúpidas e preguiçosas, que não fazem jus à contribuição previdenciária que recebem da sociedade. A situação vem se agravando pelo atual processo de globalização, liderado pelas Nações Unidas e as instituições financeiras internacionais, em nome das elites empresariais e da máquina administrativa do governo, que ameaça transformar pessoas comuns em meros escravos de uma economia global praticamente de subsistência. Deus acabará vencendo, mas para que isso aconteça os cidadãos precisam empunhar suas armas para lutar por nada menos que o “futuro dos Estados Unidos”.³⁵ A partir dessa visão de mundo surge um conjunto específico de objetivos para o movimento, que organiza sua prática.

Em primeiro lugar, as milícias, e os patriotas de modo geral, são um movimento eminentemente libertário (e, nesse sentido, bastante distinto dos nazistas e fascistas tradicionais que defendem um Estado forte). Seu adversário é o governo federal. Em sua visão, as unidades básicas da sociedade são o indivíduo, a família e a comunidade local. Além desse nível imediato de reconhecimento pessoal, o governo é, na melhor das hipóteses, tolerado como a expressão direta da vontade do cidadão, por exemplo, governos de condado, com autoridades eleitas bastante acessíveis e que possam ser monitoradas pessoalmente. Os escalões mais altos do governo são vistos com desconfiança, e o governo federal é considerado absolutamente ilegítimo, na condição de usurpador dos direitos dos cidadãos e manipulador da Constituição, passando por cima dos preceitos originalmente estabelecidos pelos fundadores da nação norte-americana. Para os membros das milícias, Thomas Jefferson e Patrick Henry são os heróis, enquanto Alexander Hamilton é obviamente o vilão. Tal rejeição da legitimidade do governo federal se manifesta por ações e atitudes

bastante concretas e incisivas: recusa ao pagamento dos tributos federais, não-observância às normas ambientais e ao planejamento de uso da terra, reconhecimento da plena soberania dos tribunais de justiça comum, concessão ao júri de poderes especiais de desobediência às leis (entenda-se, a tomada de decisões pelos jurados não de acordo com a lei, mas com suas próprias consciências), preeminência dos governos dos condados sobre autoridades de escalões mais elevados e ódio aos órgãos federais fiscalizadores do cumprimento e execução da lei. Em última análise, o movimento clama pela insubordinação civil contra o governo, apoiada, se e quando necessária, pelas armas dos cidadãos que respeitam a “lei natural”.

Embora o governo federal e seus órgãos fiscalizadores sejam os adversários mais próximos, bem como a causa mais imediata para a mobilização dos patriotas, uma ameaça ainda mais assustadora surge no horizonte: a nova ordem mundial. Esse conceito, popularizado pelo apresentador de TV evangélico Pat Robertson, projetando-se para muito além da ideologia do “fim da História” no período pós-guerra fria de Bush, implica que o governo federal vem trabalhando ativamente em conjunto com a Rússia (principalmente com Gorbachev, considerado um dos principais estrategistas do plano) para a formação de um único governo mundial. O projeto estaria sendo supostamente conduzido por intermédio das organizações internacionais: as Nações Unidas, a recém-criada Organização Mundial de Comércio e o Fundo Monetário Internacional. O destacamento de tropas norte-americanas sob comando das Nações Unidas, juntamente com a assinatura do NAFTA, são considerados apenas os primeiros passos rumo a essa nova ordem, muitas vezes explicitamente vinculada ao surgimento da Era da Informação. O impacto real sobre o povo norte-americano é evidenciado pelo empobrecimento econômico em função de bancos e empresas multinacionais e pela perda da soberania política em prol da máquina administrativa global.

Aliado a essas tendências localistas e libertárias, subsiste ainda no movimento um terceiro tema importante: uma forte reação às feministas (não às mulheres, conquanto se mantenham em seus papéis tradicionais), homossexuais e minorias (como beneficiárias de subsídios governamentais). Há uma característica claramente predominante no movimento patriótico: de modo geral, o movimento conta com membros do sexo masculino, brancos e heterossexuais. O “Homem Branco Revoltado” (nome de uma das organizações patrióticas) parece ter surgido dessa mistura entre reações ao depauperamento da economia, reafirmação de valores e privilégios tradicionais e revides culturais. Os tradicionais valores da nação e da família (isto é, o patriarcalismo) são reafir-

mados contra o que se considera excesso de privilégios concedidos pela sociedade às minorias raciais, culturais e de gênero, mediante, por exemplo, a legislação que dispõe sobre a ação afirmativa e discriminação racial. Embora esse tema mantenha uma relação muito próxima com um sentimento bem mais arraigado de rejeição à igualdade racial por grupos supremacistas brancos e associações antiimigração, apresenta como elemento inovador seu alcance e abrangência, particularmente em decorrência da rejeição declarada dos direitos da mulher, e seus ataques hostis aos valores liberais atualmente difundidos pela grande mídia.

Um quarto tema sustentado pela maior parte do movimento consiste na defesa intolerante da superioridade dos valores cristãos, nesse sentido criando um vínculo muito próximo com o movimento fundamentalista cristão abordado no capítulo 1. A maioria dos patriotas parece concordar com a idéia de que os rituais e valores cristãos, na ótica de seus defensores, devem ser incutidos pelas instituições da sociedade; por exemplo, mediante a obrigatoriedade da prece nas escolas públicas e a triagem de publicações nas bibliotecas e na mídia para censurar o que for considerado anticristão ou contrário aos valores da família. O movimento antiaborto, amplamente difundido, e contando com assassinos fanáticos em suas fileiras, é o seu instrumento organizacional mais evidente. O fundamentalismo cristão parece ter penetrado em todas as camadas do movimento. Talvez essa relação entre um movimento extremamente libertário, como a milícia, e o fundamentalismo cristão, um movimento voltado à teocracia e portanto partidário da imposição, por parte do governo, de valores morais e religiosos sobre seus cidadãos, possa parecer paradoxal. Entretanto, trata-se meramente de uma contradição na perspectiva histórica, pois nos Estados Unidos dos anos 1990 tanto o objetivo dos fundamentalistas quanto dos libertários converge para a destruição do governo federal, percebido como um elemento alheio a Deus e ao povo.

O mote "Armas e Bíblias" poderia ser aplicado com propriedade a esses movimentos.³⁶ As armas foram o grito de guerra em razão do qual as milícias se reuniram em 1994 em resposta à Lei Brady. Uma enorme coalizão foi formada para combater essa lei, seguida de tentativas de assumir o controle sobre porte de armas. Em torno do poderoso *lobby* da National Rifle Association, detentores de muitos votos no Congresso, uniram-se populações rurais de todo o país, proprietários de lojas de armas, libertários extremistas e membros de milícias, com o propósito de preservarem o direito constitucional de portar armas como a última linha de defesa dos Estados Unidos. As armas tornaram-se sinônimo de liberdade. O Velho Oeste volta com toda a força, seja nas ruas de Los Angeles, seja nas fazendas de Michigan. Duas das características mais

marcantes da cultura norte-americana, o individualismo exacerbado e a desconfiança de governos despóticos, dos quais muitos imigrantes escapam em busca dos Estados Unidos, fornecem a base de legitimidade da resistência contra as ameaças impostas pela informacionalização da sociedade, globalização da economia e profissionalização da política.

Quem são os patriotas?

Um dos elementos constituintes do movimento certamente são fazendeiros insatisfeitos das regiões oeste e centro-oeste do país, apoiados pelos mais diversos segmentos da sociedade de cidades de pequeno porte, desde donos de lanchonetes até pastores de igrejas. Contudo, seria impreciso considerar que o apelo do movimento esteja restrito exclusivamente a um universo rural superado pela modernização tecnológica. Não existem dados demográficos disponíveis sobre a composição do movimento, porém um breve exame da distribuição geográfica das milícias (figura 2.1) demonstra sua diversidade territorial e, conseqüentemente, social. Os estados com maior número de milícias representam áreas bastante diversas, como Pensilvânia, Michigan, Flórida, Texas, Colorado e Califórnia, aumentando mais ou menos de acordo com os estados mais populosos (exceto Nova York, incluindo o Colorado). Contudo, a questão é justamente essa: as milícias parecem estar onde há mais pessoas, em todo o país, não só em Montana. Se incluirmos a Coalizão Cristã como parte do movimento, podemos concluir que os patriotas também marcam presença nos subúrbios da maioria das áreas metropolitanas de maior porte (há cerca de 1,5 milhão de membros da Coalizão Cristã). Algumas milícias, por exemplo, em New Hampshire e na Califórnia, parecem recrutar seus membros entre profissionais de informática. Portanto, parece pouco provável que os patriotas sejam um movimento que adote como critério de "recrutamento" determinada classe social, ou se restrinjam a um território específico. Em vez disso, podem ser definidos basicamente como um movimento cultural e político, defensores das tradições do país contra os valores cosmopolitas e de um governo autônomo da população local contrário à imposição de uma ordem global. Se classe social não constitui fator relevante para a integração do movimento, passa a sê-lo, contudo, quando se trata de identificação dos adversários. As elites empresariais, os banqueiros, as empresas de grande porte ricas, poderosas e arrogantes, juntamente com seus advogados, além de cientistas e pesquisadores, todos são seus adversários. Não como classe, mas na qualidade de represen-

tantes de uma ordem mundial contrária aos valores norte-americanos. A ideologia do movimento absolutamente não é anticapitalista; ao invés disso, sai em defesa do livre capitalismo, infensa à manifestação corporativa de um capitalismo estatal que se assemelha ao socialismo. Desse modo, uma análise dos patriotas sob a perspectiva de classe não parece ser a mais apropriada para se depreender a essência do movimento. O movimento consiste em uma insurreição política que ultrapassa os limites impostos por classes sociais e diferenças regionais, estando relacionado à evolução social e política da sociedade norte-americana como um todo.

As milícias, os patriotas e a sociedade norte-americana dos anos 90

O populismo de direita não é nenhuma novidade dos Estados Unidos. Na verdade, trata-se de um fenômeno que tem exercido papel importante na política norte-americana ao longo da história do país.³⁷ Além disso, violentas reações populares contra crises econômicas profundas ocorreram tanto nos Estados Unidos quanto na Europa sob diversas formas, desde os exemplos clássicos do fascismo e do nazismo até os movimentos xenofóbicos e ultranacionalistas dos nossos dias. Entre os fatores capazes de justificar o rápido crescimento das milícias, além do uso cada vez mais difundido da Internet, estão as condições econômicas mais difíceis e a desigualdade social nos Estados Unidos. A renda média dos homens sofreu perdas substanciais nas duas últimas décadas, principalmente durante os anos 80. As famílias mal são capazes de manter os padrões de vida de um quarto de século atrás, com duas fontes de renda em vez de apenas uma. Por outro lado, a renda das pessoas mais ricas (1%) cresceu de US\$ 327 mil em 1976 para US\$ 567 mil em 1993, enquanto a renda familiar, em média, permanece em cerca de US\$ 31 mil. A remuneração dos diretores executivos de empresas chega a ser 190 vezes maior que a do assalariado comum.³⁸ Para o trabalhador e o pequeno empresário norte-americanos, a era da globalização e da informacionalização tem sido sinônimo de queda relativa, em muitos casos absoluta, dos padrões de vida, revertendo assim a tendência histórica de melhoria no padrão de vida, em termos materiais, a cada geração. Por vezes, a cultura dos novos ricos globais alia o insulto à injúria. Por exemplo, Montana, o berço das novas milícias, é também um dos locais favoritos dos novos bilionários, dispostos a adquirir milhares de acres de terra virgem e

construir sedes de fazenda de onde possam administrar suas redes globais. Os fazendeiros da região têm-se ressentido dessa tendência.³⁹

Como se não bastasse, num momento em que a família tradicional torna-se instrumento indispensável de segurança financeira e psicológica, tal conceito vem ruindo, na esteira da guerra dos sexos desencadeada pela resistência do patriarcalismo aos direitos da mulher (ver capítulo 4). Os desafios culturais ao machismo e à ortodoxia heterossexual acabam confundindo a masculinidade. Além disso, uma onda de imigrantes da América Latina e da Ásia, juntamente com a natureza cada vez mais multirracial dos Estados Unidos, embora conseqüência lógica da história do país, tornam o sentimento de perda de controle ainda mais exacerbado. As constantes mudanças de funções agrícolas e industriais para o setor de serviços, e do setor de produtos para processamento de dados, vêm minando habilidades adquiridas e subculturas de trabalho. O fim da Guerra Fria, com o colapso do comunismo, eliminou a identificação fácil do inimigo externo como principal alvo de ataque, comprometendo as chances de mobilizar os Estados Unidos em torno de uma causa comum. A era da informação transforma-se na era da confusão, e conseqüentemente na era da afirmação fundamentalista de valores tradicionais e direitos absolutos. As reações burocráticas, e às vezes, agressivas, dos órgãos de fiscalização responsáveis pelo cumprimento e execução das leis às várias formas de protesto aprofundam o ódio, deixam os sentimentos exacerbados e parecem servir de justificativa para a convocação às armas, levando as milícias norte-americanas a um confronto direto com a ordem global emergente.

Os Lamas do Apocalipse: a Verdade Suprema⁴⁰ do Japão

O objetivo último das técnicas corporais que a Verdade Suprema procura ensinar por meio da ioga e da austeridade é um modo de comunicação com qualquer meio. Pode-se chegar à comunicação pela ressonância com os organismos dos outros, sem que se esteja vinculado a nenhum tipo de consciência de identidade como indivíduo, e sem fazer uso da linguagem verbal.

Masachi Osawa, *Gendai*, outubro de 1995⁴¹

No dia 20 de março de 1995, um atentado com gás sarin em três trens do metrô de Tóquio matou 12 pessoas, feriu mais de 5 mil e abalou as estruturas da aparentemente estável sociedade japonesa. A polícia, com base em informações sobre um incidente semelhante que ocorrera em Matsumoto, em ju-

nho de 1994, concluiu que a autoria do atentado deveria ser atribuída aos membros da *Aum Shinrikyo* (Verdade Suprema), uma seita religiosa situada no cerne da rede de negócios, organizações políticas e unidades paramilitares. O principal objetivo da Verdade Suprema, segundo seu próprio discurso, era sobreviver ao apocalipse iminente, salvando o Japão, e o mundo, da guerra de extermínio que resultaria inevitavelmente da concorrência entre as corporações japonesas e o imperialismo norte-americano em busca do estabelecimento de uma nova ordem mundial e um governo mundial unido. Para sair vitoriosa no Armagedon, caberia à Verdade Suprema preparar um novo tipo de ser humano, fundamentado na espiritualidade e no auto-aprimoramento por meio de meditação e exercícios. Contudo, para poder enfrentar a agressão das potências mundiais, a Verdade Suprema tinha de se defender aceitando o desafio de desenvolver novas armas de extermínio. O desafio logo tornou-se realidade. O fundador e guru da seita, Shoko Asahara, foi preso e levado a julgamento (provavelmente para ser condenado à morte), juntamente com os membros mais proeminentes da seita. A seita propriamente dita continua existindo, embora seu contingente tenha-se reduzido bastante.

Os debates acerca das origens, desenvolvimento e objetivos da Verdade Suprema estenderam-se durante meses a fio na mídia japonesa, reduzindo-se gradativamente somente um ano e meio mais tarde. Esses debates levantaram questões fundamentais sobre o verdadeiro estado da sociedade japonesa. Seria possível conceber tais acontecimentos em uma das sociedades mais ricas, seguras, etnicamente homogêneas, culturalmente integradas e com menores níveis de desigualdade do mundo? O que mais chocou a opinião pública foi o fato de que a seita conquistara muitos adeptos entre cientistas e engenheiros de algumas das melhores universidades do Japão. Tendo ocorrido em um período de incertezas políticas após a crise no PLD, o partido que governa o Japão por quase cinco décadas, o ato aparentemente insensato foi encarado como um sintoma. Mas sintoma de quê? Para se compreender um processo bastante complexo com implicações profundas, porém não tão óbvias, faz-se necessário reconstruir a evolução da seita, começando pela biografia de seu fundador, que desempenhou um papel vital nesse processo.

Asahara e o surgimento da Verdade Suprema

Asahara nasceu cego em uma família pobre do distrito de Kumamoto. Frequentou uma escola especial para cegos e, após concluir seus estudos ali,

preparou-se para o vestibular para a Universidade de Tóquio. Seu projeto declarado era tornar-se primeiro-ministro. Após ter sido reprovado, abriu uma farmácia e especializou-se na venda de medicamentos chineses tradicionais. O uso de alguns desses medicamentos era duvidoso, e a falta de licença para a comercialização desses produtos acabou levando-o à prisão. Após ter-se casado e tido um filho, em 1977 concentrou seus interesses na religião. Educando-se em Sento, tentou desenvolver um método de medicina espiritual baseado no taoísmo. A mudança decisiva em sua vida foi a partir do dia em que resolveu entrar para a seita Agon, um grupo religioso que prega a conquista da perfeição por meio da austeridade.⁴² Meditação, exercícios físicos, ioga e budismo esotérico estavam entre as práticas essenciais do grupo. Asahara incorporou os ensinamentos da seita Agon às suas próprias idéias de criação de um novo universo religioso. Em 1984, abriu uma escola de ioga em Shibuya, Tóquio. Ao mesmo tempo, fundou a Verdade Suprema, ou a *Aum*, com tipo jurídico de associação (*Aum* é uma palavra em sânscrito que significa “sabedoria profunda”). Asahara construiu a reputação de sua escola dizendo à mídia que tinha poderes sobrenaturais, como demonstrado pela sua capacidade de levitar (algo que tentou provar com fotos que o mostravam no ar, sua primeira aventura na área de efeitos especiais visuais, sinal da importância que mais tarde seria dada pela seita à tecnologia da mídia). Afirmando que Deus lhe instruíra a criar um paraíso com alguns poucos eleitos, em 1985 o mestre de ioga tornou-se um líder religioso, ensinando a busca da perfeição a seus discípulos na escola pela prática da austeridade. Em 1986, Asahara criou a seita religiosa formal *Aum Shinsen*, com cerca de 350 membros. Ao contrário do que ocorre em outros cultos, em que somente uma pequena parcela dos devotos pode dedicar-se em tempo integral à prática da austeridade e meditação, a maioria desses seguidores era iniciada como sacerdotes. O índice bastante elevado de sacerdócio na seita era muito importante para o futuro da Verdade Suprema, já que precisava conseguir meios substanciais de apoio financeiro para um número tão grande de sacerdotes. Assim, a Verdade Suprema pedía a seus seguidores que doassem todos os seus bens (por vezes à força), fixava preços para os ensinamentos e as aulas de treinamento, e investia em cadeias de lojas altamente lucrativas (*Mahaposhha*), que trabalhavam com a venda de computadores com desconto, especializando-se em cópias de *software* “piratas”. Com o lucro proveniente dessas lojas, a Verdade Suprema financiava lojas de bebidas e produtos alimentícios e outros negócios diversos. Em 1987, o nome da seita foi alterado para *Aum Shinrikyo* (expressão japonesa que designa “verdade”). Um ano depois, em uma das etapas para a construção do paraíso terrestre, a

Verdade Suprema estabeleceu-se em uma aldeia no sopé do Monte Fuji. Apesar de certa resistência por parte das autoridades, acabou obtendo o registro de uma organização religiosa sem fins lucrativos e isenta de impostos. Após haver consolidado a posição da Verdade Suprema, e com o apoio de cerca de 10 mil membros, Asahara decidiu ingressar na política com o propósito de transformar a sociedade. Em 1990, ele e outros 25 membros da seita concorreram nas eleições para o Congresso mas não conseguiram quase nenhum voto. Alegaram que seus votos haviam sido roubados. Essa frustração na política marcou a "virada" ideológica da Verdade Suprema, que abandonou por completo a tentativa de participar do processo político. Agora, os esforços estariam voltados ao confronto direto com o governo. Logo em seguida, a tentativa de construir um novo templo para a seita em Naminomura encontrou dura resistência dos moradores locais e, após alguns incidentes, membros da Verdade Suprema foram presos. A mídia propagou os boatos de seqüestro e extorsão de ex-membros da seita. Quando um grupo de vítimas da Verdade Suprema formou uma associação, o advogado da seita desapareceu. A seita entrou em estado de delírio paranóico, sentindo-se ludibriada pela polícia, pelo governo e pela mídia.

Dentro desse contexto, Asahara começou a dar ênfase à linha apocalíptica de pensamento que estivera latente nos temas abordados pela seita desde sua criação. Asahara, referindo-se às profecias de Nostradamus, previu que, por volta do ano 2000, eclodiria a guerra nuclear entre os EUA e a URSS e que, como conseqüência, 90% da população urbana mundial iria morrer. Assim, caberia aos melhores a tarefa de prepararem-se para sobreviver à hecatombe. Para tanto, seriam necessários exercícios físicos extenuantes, austeridade e meditação, seguindo os ensinamentos de Asahara, de modo que se desenvolvesse uma raça de super-homens. Os templos de meditação da Verdade Suprema seriam o berço de uma nova civilização que surgiria após o Armagedon. A perfeição espiritual, contudo, não bastaria. O inimigo lançaria mão de todos os tipos de novas armas: nucleares, químicas e bacteriológicas. Portanto, a Verdade Suprema, como a última chance de sobrevivência da humanidade, deveria estar preparada para esse terrível conflito do Fim dos Tempos. Diversas empresas foram criadas pela seita para adquirir e processar materiais para o desenvolvimento de armas químicas e biológicas. Os membros da seita importaram um helicóptero do mercado negro russo e vários blindados, e passaram a dedicar-se ao projeto e produção de armas de alta tecnologia, inclusive armas a *laser* teleguiadas.⁴³

Como conseqüência lógica desse processo, em 1994 a Verdade Suprema decidiu transformar-se em um Estado paralelo. Constituiu ministérios e agên-

cias "governamentais", espelhando-se na estrutura do Estado japonês, e nomeou membros para cada ministério e órgão burocrático para formar um governo, tendo Asahara como líder desse Contra-Estado sagrado. O papel dessa organização seria liderar a seita e os poucos eleitos que sobrevivessem à batalha final contra as forças do mal, a saber, o governo mundial unido (controlado pelas multinacionais) e seus agentes diretos: os imperialistas norte-americanos e a polícia japonesa. Em junho de 1994, um primeiro experimento com gás sarin foi realizado em Matsumoto, matando sete pessoas. As investigações conduzidas pela polícia sobre a seita, juntamente com as reportagens da mídia, levaram seus membros a concluir que o confronto direto seria inevitável, e os primeiros indícios do cumprimento da profecia já se faziam notar. Meses depois, o atentado no metrô de Tóquio lançou a seita, o Japão, e talvez o mundo inteiro, em uma era de crítica messiânica potencialmente sustentada por armas de extermínio em massa.

Metodologia e crenças da Verdade Suprema

As crenças e ensinamentos da Verdade Suprema são bastante complexos, e têm passado por algumas mudanças ao longo da evolução da seita. Contudo, é possível reconstruir a essência de sua visão e práticas com base em documentações e relatórios atualmente disponíveis. Na raiz de seu objetivo final e método, a Verdade Suprema destaca a noção de salvação (*gedatsu*), isto é, nas palavras de Osawa, um dos mais atentos observadores da Verdade Suprema:

Dissolver a integridade do corpo como indivíduo para superar a limitação física do organismo. Os fiéis devem transcender o limiar entre o corpo e o mundo exterior diferenciando seu próprio corpo em um processo constante e infundável. Por meio de exercícios físicos contínuos, é possível atingir um ponto em que se pode sentir o corpo como um fluido, gás ou onda de energia. O corpo busca integrar-se como indivíduo porque temos autoconsciência do interior do corpo integrado. É este interior que organiza o ser. Portanto, para desintegrar nossos corpos a tal ponto que o percebamos como fluido ou gás, é preciso atingir a desorganização de nós mesmos. Nisso consiste a salvação.⁴⁴

Salvação é sinônimo de liberdade e felicidade verdadeiras. Na realidade, os seres humanos perderam contato com o seu eu e tornaram-se impuros. O mundo real na verdade é uma ilusão, e a vida tal como é vivida pelas pessoas está repleta de fardos e dores. A percepção e a aceitação dessa dura realidade

permitem encarar a morte em toda a sua verdade. Para se atingir essa verdade por meio da *salvação*, a Verdade Suprema desenvolveu um método de meditação e austeridade (*Mahayana*), com marcos bem definidos dos diferentes graus de perfeição alcançados pelo fiel em diversas etapas.

Entretanto, para a maioria dos seguidores, a *salvação* é, na melhor das hipóteses, incerta. Assim, dois outros elementos atribuem coerência ao método e visão da Verdade Suprema: a fé nos superpoderes do guru, garantindo a salvação após determinado estágio de perfeição ter sido atingido; e, por outro lado, um sentimento de premência oriundo da iminente crise catastrófica da civilização. Na visão da Verdade Suprema, há uma relação direta entre o fim do mundo e a salvação dos fiéis, que, atualmente, se preparam para o apocalipse adquirindo poderes sobrenaturais. Nesse sentido, a Verdade Suprema é ao mesmo tempo uma seita mística e uma organização pragmática que fornece treinamento de sobrevivência para o dia do juízo final no ano 2000 — a um certo preço.

A Verdade Suprema e a sociedade japonesa

A maioria dos sacerdotes da Verdade Suprema eram jovens universitários recém-formados. Em 1995, 47,5% dos sacerdotes estavam na casa dos vinte anos de idade, e 28% contavam pouco mais de trinta anos; 40% eram representados por mulheres. Uma das metas declaradas da Verdade Suprema era “dirimir diferenças entre os sexos” transformando “o mundo interior dos gêneros”. Na falta de um movimento feminista poderoso no Japão (até a época da elaboração deste livro), a Verdade Suprema logrou conquistar alguma influência entre mulheres com curso superior, frustradas por uma sociedade extremamente patriarcal. Uma parcela significativa dos homens era formada por pós-graduados em ciências naturais de universidades renomadas.⁴⁵ O apelo da Verdade Suprema à juventude com grau de instrução superior foi um choque para a sociedade japonesa. Segundo Yazawa,⁴⁶ uma boa justificativa para tal apelo reside na alienação da juventude japonesa, como consequência da derrota dos poderosos movimentos sociais japoneses da década de 60. Ao invés de valores sociais transformadores, prometeu-se a “Sociedade da Informação”. Entretanto, essa promessa carecia de inovação cultural e satisfação das necessidades espirituais. Em uma sociedade desprovida de elementos contestadores mobilizados em torno de uma causa, sem quaisquer valores de transformação cultural, floresceu na década de 70 uma nova geração, cercada de opulência

material, porém vazia de significado espiritual. Uma geração seduzida, a um só tempo, pela tecnologia e pelo esoterismo. Muitos dos seguidores da Verdade Suprema eram pessoas incapazes de encontrar espaço para seus desejos de mudança e de significado na estrutura burocratizada das escolas, órgãos administrativos e corporações, e revoltadas contra as estruturas familiares tradicionais e autoritárias. Não viam qualquer sentido em suas vidas, nem mesmo espaço físico suficiente para se expressarem nas superpovoadas conurbações das cidades japonesas. A única coisa que lhes restava era seus próprios corpos. Para muitos desses jovens, o maior desejo era viver em um mundo diferente por meio da ciência e da tecnologia que os faria transcender limites naturais e sociais. Na concepção de Yazawa, esse desejo se fundamentava na “informatização do corpo”, isto é, na transformação do potencial físico humano pelo poder da crença, das idéias e da meditação. É justamente nesse ponto que a metodologia de salvação da Verdade Suprema se encaixava. A promessa de salvação era que as pessoas poderiam sentir a si próprias e às outras ao mesmo tempo. A comunidade e o sentimento de posse seriam restaurados, porém expressão do eu, mediante a perfeição e o controle dos próprios limites do corpo, não como resultado de uma força exterior, permitindo a comunicação sem um meio de conexão direta com outros corpos. Essa nova forma de comunicação somente seria possível entre corpos que já tivessem superado a barreira das limitações físicas. O corpo de Asahara, por já ter transcendido seus limites físicos, seria o catalisador da salvação dos demais. Como consequência, formou-se gradativamente uma comunidade virtual de corpos que haviam estabelecido uma comunicação entre si, tendo Asahara como centro único dessa comunidade.⁴⁷

Algumas dessas idéias e práticas não são estranhas à ioga e ao Budismo tibetano. Contudo, uma característica bastante peculiar da versão da Verdade Suprema de comunicação extracorpórea pela ioga e pela meditação foi, por um lado, a utilização de recursos tecnológicos (por exemplo, o uso intenso de vídeos de treinamento e de equipamentos eletrônicos), e por outro, sua instrumentação política. Em alguns casos, os experimentos eram realizados com capacetes eletrônicos para que os seguidores pudessem receber ondas de comunicação diretamente do cérebro de seu guru (uma modesta contribuição da tecnologia à teoria da comunicação extracorpórea). Finalmente as idéias de Asahara foram se desenvolvendo a ponto de transformar a identidade do eu do guru no “eu verdadeiro”, em que os “eus” de todos os discípulos seriam, em última análise, diluídos. Os canais de comunicação com o mundo exterior foram fechados, pois este mundo foi o inimigo declarado, que rumava em

direção ao Armagedon. A rede interna foi estruturada como uma organização hierárquica, em que a comunicação vinha do topo, sem admitir a existência de canais horizontais de comunicação entre os seguidores. Nesse contexto, o mundo exterior era irreal, e a realidade virtual criada a partir da combinação entre tecnologia e técnicas de ioga era o mundo real. O mundo externo, irreal, caminhava a passos largos para o apocalipse. A realidade virtual, interna, o mundo “comunicado” internamente, representava a realidade fundamental, que se preparava para a salvação.

No último estágio do discurso da Verdade Suprema, uma previsão social mais exata tomou forma: a futura transformação social seria povoada por um ciclo de recessão econômica, seguida de depressão e, finalmente, guerra e morte. Catástrofes naturais e recessão econômica assolariam o Japão nos últimos anos do milênio. Motivo: concorrência cada vez mais acirrada dos outros países asiáticos favorecidos pela vantagem comparativa de encargos trabalhistas menos onerosos. Para reagir ao desafio, o Japão desenvolveria sua indústria bélica e tentaria impor sua vontade à Ásia, em defesa dos interesses das corporações japonesas que fariam de tudo para criar um governo mundial controlado por multinacionais. Como resposta, os Estados Unidos entrariam na guerra contra o Japão para proteger seus vassalos asiáticos e dar continuidade a seu próprio projeto de governo mundial. A guerra arrastaria-se por muito tempo e todos os tipos de armas de alta tecnologia seriam empregadas; uma guerra de extermínio, que poderia acabar com a humanidade. Nesse sentido, a visão da Verdade Suprema refletia, de forma distorcida e esquemática, os temores da sociedade japonesa em relação à perda de vantagem competitiva na economia mundial, a um potencial conflito com os Estados Unidos e às consequências catastróficas do desenvolvimento desenfreado de novas formas de tecnologia.

Uma das características mais marcantes da Verdade Suprema foi o meio encontrado para reagir a tais ameaças. Estar preparado para essa guerra, e sobreviver a ela (como em alguns dos mais famosos filmes de ficção científica dos anos 90), exigiria o renascimento da espiritualidade e o conhecimento da mais avançada tecnologia bélica, principalmente no que diz respeito a armas químicas, biológicas e teleguiadas a *laser*. Conforme mencionado anteriormente, a Verdade Suprema realmente procurou adquirir esses armamentos e contratar cientistas capazes de desenvolvê-los nos Estados Unidos, em Israel e na Rússia. Em busca da perfeição espiritual, unindo seus membros em um só corpo, a Verdade Suprema muniu-se também dos recursos necessários ao combate na guerra pela sobrevivência, que declarou anteci-

padamente contra os defensores do governo mundial que despontava no horizonte político do planeta.

De forma distorcida, os temores e as idéias da Verdade Suprema assemelhavam-se aos encontrados em muitas das subculturas de jovens do Japão. Segundo Shinji Miyadai, duas percepções de mundo podiam ser identificadas nessas subculturas.⁴⁸ A primeira delas era a de uma “vida infinitamente cotidiana” sem qualquer propósito, objetivos ou alegrias. A segunda era de uma possível existência comunal somente no caso de guerra nuclear, que obrigaria os sobreviventes a se agregarem. Ao fundamentar-se em ambas as idéias — quer dizer, encontrar a felicidade no eu interior e preparar-se para a comunidade pós-guerra nuclear — a Verdade Suprema estabeleceu um elo de ligação com as manifestações de desespero cultural da juventude, uma massa alienada em uma sociedade ultra-organizada. Assim, a Verdade Suprema não pode ser tratada apenas como um ato de alucinação coletiva, mas sim como uma manifestação hiperbólica e amplificada de rebeldes com alto grau de escolaridade, manipulada pelo guru messiânico, num misto de meditação e eletrônica, negócios e espiritualidade, política informacional e guerra tecnológica. A Verdade Suprema parece ter sido uma caricatura horrenda da Sociedade da Informação Japonesa, refletindo sua estrutura de governo, comportamento corporativo e veneração pela tecnologia avançada mesclada ao espiritualismo tradicional. Talvez a razão pela qual o Japão tenha ficado obcecado pela Verdade Suprema seja o reconhecimento de quão verdadeiramente japonesa foi essa visão derradeira do apocalipse.

O significado das insurreições contra a nova ordem global

Após ter analisado três movimentos contrários à globalização, considerando suas respectivas práticas, discursos e contextos, arriscaria traçar um paralelo entre eles, visando chegar a conclusões no sentido de uma análise mais ampla da transformação social da sociedade em rede. Para tanto, utilizarei minha adaptação da tipologia proposta por Alain Touraine como meio de leitura dos movimentos em relação a certas categorias analíticas. A partir dessa perspectiva, os três movimentos aqui contemplados têm em comum a identificação do adversário: a nova ordem global, classificada pelos zapatistas como a união do imperialismo norte-americano com o governo corrupto e ilegítimo do PRI por meio do NAFTA; encarnada pelas instituições internacionais, mais notadamente as Nações Unidas, e o governo federal dos Estados Unidos, na

visão das milícias; e considerada pela Verdade Suprema como a ameaça global proveniente de um governo mundial unificado representante dos interesses das multinacionais, do imperialismo norte-americano e da polícia japonesa. Assim, os três movimentos são basicamente organizados em torno de uma oposição a um adversário que, *grosso modo*, é o mesmo: os agentes da nova ordem global, que procuram estabelecer um governo mundial que irá subjugar a soberania de todos os países e de todos os povos.

A esse adversário, cada movimento oferece como resistência um princípio específico de identidade, refletindo as profundas diferenças entre as três sociedades das quais se originaram: no caso dos zapatistas, vêem-se como índios e mexicanos oprimidos em luta por seus direitos, sua dignidade e suas terras, bem como pela nação mexicana; no caso das milícias, como cidadãos norte-americanos lutando por sua soberania e liberdades, conforme estabelecido na versão original, de inspiração divina, da Constituição dos Estados Unidos. Quanto à Verdade Suprema, seu princípio de identidade é um pouco mais complexo: representa de fato sua identidade individual, expressa em seus corpos, embora tais corpos compartilhem-se uns aos outros na mente do guru — uma combinação entre individualidade física e comunidade espiritual reconstruída.

Em qualquer um desses três casos, existe um apelo à autenticidade de seu princípio de identidade, manifestada, porém, sob formas distintas: uma grande comunidade com raízes históricas (os índios do México, assim como uma parcela da população mexicana); comunidades locais de cidadãos livres; e uma comunidade espiritual dos indivíduos libertados da dependência de seus corpos. Tais identidades baseiam-se na especificidade cultural e no desejo de controle sobre seu próprio destino. E opõem-se ao adversário global em prol de seu objetivo societal maior, que nos três casos leva à integração entre sua identidade específica e o bem-estar da sociedade em geral: México, Estados Unidos, os sobreviventes da humanidade. Porém, busca-se essa integração mediante a conquista de valores distintos: justiça social e democracia para todos os mexicanos; liberdade individual e recusa à dominação do governo para todos os cidadãos norte-americanos; e transcendência em relação ao mundo material pela libertação espiritual no caso da Verdade Suprema. Tais objetivos societais são, no entanto, o elemento menos representativo em cada movimento: consistem fundamentalmente em mobilizações com base na identidade como forma de reação a um adversário explícito. Constituem movimentos reativos e defensivos e, embora proponham visões de uma sociedade alternativa, não se pode afirmar que lutam por um projeto societal. O quadro 2.1 relaciona os elementos definidores de cada movimento.

<i>Movimento</i>	<i>Identidade</i>	<i>Adversário</i>	<i>Objetivo</i>
Zapatistas	Índios/mexicanos oprimidos/excluídos	Capitalismo global (NAFTA); governo ilegítimo do PRI	Dignidade, democracia, terras
Milícias norte-americanas	Cidadãos originalmente norte-americanos	Nova ordem mundial, governo federal dos Estados Unidos	Liberdade e soberania dos cidadãos e das comunidades locais
Verdade Suprema	Comunidade espiritual formada pelos corpos de seguidores dissociados da própria individualidade	Governo mundial, polícia japonesa	Sobrevivência ao apocalipse

O grande impacto causado por esses movimentos resulta, em grande medida, da presença marcante na mídia e do uso eficaz da tecnologia da informação. Procura-se atrair a atenção da mídia nos moldes da tradição anarquista francesa, brevemente reinstaurada em maio de 1968, da *l'action exemplaire*: pratica-se um ato espetacular que, dado seu forte apelo, até mesmo pelo sacrifício, chama a atenção das pessoas às reivindicações do movimento, visando em última análise despertar as massas, manipuladas pela propaganda e subjugadas pela repressão. Ao forçar um debate sobre suas reivindicações e induzir as pessoas a participarem, os movimentos pretendem exercer pressão sobre governos e instituições, revertendo o curso de submissão à nova ordem mundial.

Por isso o uso de armas constitui elemento essencial nos três movimentos, não como um objetivo, mas como sinal de liberdade e recurso que provoca acontecimentos, chamando a atenção da mídia. Tal estratégia orientada à mídia foi explícita, e habilmente colocada em prática, no caso dos zapatistas, que, agindo com cautela, procuraram minimizar a violência e utilizar a mídia e a Internet para divulgar suas idéias ao mundo. Já as manobras paramilitares das milícias e a exploração deliberada de táticas violentas, ou a ameaça de agir dessa maneira, para atrair a mídia, também constituem uma das principais características dos patriotas norte-americanos. Até mesmo a Verdade Suprema, com toda sua desconfiança em relação à mídia, dedicou considerável atenção aos debates na televisão e às notas de imprensa, designando alguns de seus membros mais importantes para a execução dessas tarefas. Seus atentados com o gás sarin parecem ter atendido ao duplo propósito de verificar o cumprimento

to da profecia do juízo final e difundir sua advertência ao mundo, veiculada pela mídia. Pode-se dizer que os novos movimentos de protesto lançam mensagens e projetam reivindicações sob a forma de uma política simbólica, característica da sociedade da informação (ver capítulo 6). Suas habilidades no trato com a mídia são poderosas ferramentas de combate, enquanto suas armas e manifestos são meios de gerar um evento digno de nota pelos órgãos de imprensa.

Novas tecnologias de comunicação são fundamentais à existência desses movimentos: na realidade, cumprem o papel de infra-estrutura organizacional dos movimentos. Sem a Internet, o fax e a mídia alternativa, os patriotas não seriam uma rede altamente influente, mas uma simples seqüência de reações desarticuladas de pouca representatividade. Desprovidos de um meio de comunicação capaz de fazê-los atingir as populações urbanas do México e todo o mundo em tempo real, os zapatistas provavelmente estariam fadados à condição de guerrilha isolada e local, a exemplo de várias ainda travando lutas na América Latina. A Verdade Suprema não se valeu muito da Internet simplesmente porque a presença da rede não era significativa no Japão no início da década de 90. Em contrapartida, utilizaram em larga escala o fax, o vídeo e os computadores como ferramentas essenciais à construção de uma rede organizacional que, embora descentralizada, era altamente controlada. Além disso, buscavam descobertas tecnológicas (que admitiram ser também esotéricas) pelo desenvolvimento de uma comunicação direta e estimulada eletronicamente de cérebro para cérebro. As células revolucionárias da era da informação são formadas a partir de fluxos de elétrons.

Paralelamente aos seus pontos em comum, os três movimentos revelam também profundas diferenças, intimamente relacionadas às suas origens histórico-culturais e ao grau de desenvolvimento tecnológico de suas sociedades. Deve-se estabelecer uma distinção clara entre o projeto político articulado dos zapatistas, a confusão e a paranóia da maioria das milícias e a lógica apocalíptica da Verdade Suprema. Tal distinção também está vinculada à diferença entre o componente apocalíptico das milícias e da Verdade Suprema, e a ausência dessas visões do Fim dos Tempos entre os zapatistas. Portanto, contextos sociais, culturas, processos históricos e grau de conscientização política específicos são determinantes de diferenças significativas nos processos de insurreição, ainda que desencadeados por uma causa semelhante.

Os três movimentos interagiram profundamente com os processos políticos das sociedades em que foram originados. Os zapatistas deliberadamente desferiram seu ataque no ano das eleições presidenciais no México, desempe-

nhando papel fundamental no agravamento das dissensões internas do PRI e forçando a abertura do sistema político mexicano (ver capítulo 5). A Verdade Suprema despontou em 1993, quando o sistema político japonês, até então estável, entrava em franca decadência. Dando voz, com extrema maestria, à alienação de toda uma geração de profissionais e cientistas, a Verdade Suprema aprofundou e acelerou o debate no Japão sobre o modelo social do período posterior ao hiper crescimento da economia, em que a opulência material fora finalmente alcançada e as ameaças de dominação estrangeira haviam sido afastadas. Após décadas de modernização acelerada por uma série de intervenções estatais e mobilização nacional, o Japão tinha de enfrentar-se a si próprio como sociedade, após se dar conta de que também podia padecer dos males causados pela alienação, violência e terrorismo, gerados por japoneses contra os próprios japoneses.

Da mesma forma, as milícias norte-americanas surgiram em um contexto de descrença política generalizada e sentimento antigovernamental nos Estados Unidos, sentimento este também expresso pela política eleitoral de exploração da "revolução neoconservadora" adotada pelo Partido Republicano (ver capítulo 5). As origens de uma parcela significativa dos eleitores neoconservadores pode ser encontrada no fundamentalismo cristão, bem como em outros segmentos da opinião pública vinculados ao movimento patriótico, conforme evidenciado pela surpreendente vitória republicana nas eleições legislativas de 1994 e pelo relativo impacto da candidatura de Buchanan nas primárias das eleições presidenciais de 1996. Existe na verdade uma relação bastante tênue entre a queda nos padrões de vida nos Estados Unidos, a erosão da política partidária tradicional, a consolidação de tendências libertárias e populistas de direita no cenário político nacional, a reação dos valores tradicionais contra os processos de transformação social e desintegração familiar e o surgimento do movimento patriótico. Isso parece essencial para o entendimento da nova relação entre a sociedade norte-americana e seu sistema político.⁴⁹

Portanto, os novos movimentos sociais, em toda sua diversidade, reagem contra a globalização e seus agentes políticos, atuando com base em um processo contínuo de informacionalização por meio da mudança dos códigos culturais no cerne das novas instituições sociais. Nesse sentido, não obstante surgirem das profundezas de formas sociais historicamente esgotadas, afetam de modo decisivo a sociedade atualmente em formação, seguindo um padrão bastante complexo.

Conclusão: o desafio à globalização

Os movimentos sociais analisados no presente capítulo são bastante distintos. Apesar dessas enormes diferenças, e das manifestações sob diversas formas, decorrentes de suas raízes socioculturais dessemelhantes, todos eles têm em comum a contestação dos atuais processos de globalização em prol de suas identidades construídas, em alguns casos reivindicando para si o direito de representar os interesses de seu país ou até mesmo de toda a humanidade.

Os movimentos abordados neste e em outros capítulos deste volume não são os únicos que se opõem aos desdobramentos sociais, econômicos, culturais e ambientais da globalização. Em outras áreas do mundo, por exemplo, na Europa, surgem manifestações semelhantes contrárias à reestruturação capitalista e à imposição de novas regras em nome da concorrência global, com base no movimento trabalhista. Por exemplo, a greve geral de dezembro de 1995 na França pode ser considerada uma poderosa manifestação dessa oposição, num dos mais clássicos dos rituais franceses, em que os sindicatos de trabalhadores levam operários e estudantes às ruas em defesa da nação. Segundo pesquisas de opinião, houve altos índices de apoio à greve entre a população em geral, a despeito dos inconvenientes causados pela falta de transporte público. Contudo, uma vez que já existe uma excelente análise sociológica desse movimento,⁵⁰ cujas principais linhas interpretativas são altamente pertinentes, recomendo-a ao leitor para diversificar um pouco mais o quadro intercultural de recusa ao processo de globalização. Movimentos como este, e muitos outros em todo o mundo, vêm minando a fantasia neoliberal de implantação de uma economia global independente da sociedade por meio de uma arquitetura de informática. O grande esquema exclusivista (explícito ou implícito) de concentração de informações, produção e mercados em um segmento elitizado da população, livrando-se dos demais das mais diversas maneiras, mais ou menos humanistas de acordo com as disposições de cada sociedade, vem desencadeando, na expressão cunhada por Touraine, uma “*grand refus*”. Ressalve-se, porém, que a transformação dessa rejeição na reconstrução de novas formas de controle social sobre novas formas de capitalismo, globalizado e informacionalizado, requer a assimilação das reivindicações dos movimentos sociais por parte do sistema político e das instituições do Estado. A competência, ou incompetência do Estado, em lidar com a lógica conflitante do capitalismo global, dos movimentos sociais com base em identidades e dos movimentos defen-

sivos articulados por trabalhadores e consumidores, serão responsáveis, em grande parte, pelos moldes do futuro da sociedade do século XXI. Entretanto, antes que passemos a discorrer sobre a dinâmica do Estado na era da informação, devemos analisar o recente desenvolvimento de tipos diferentes de influentes movimentos sociais que, em vez de reativos, podem ser classificados como pró-ativos: o ambientalismo e o feminismo.

Notas

1. *Durito* é um personagem das histórias do subcomandante Marcos, o porta-voz dos zapatistas. Ele é um besouro muito inteligente: na verdade, trata-se do conselheiro intelectual de Marcos. O problema é que ele sempre tem medo de ser esmagado pelas diversas guerrilhas ao seu redor, por isso pede a Marcos que mantenha o movimento sob controle. O texto acima foi extraído do *Ejército Zapatista de Liberación Nacional/Subcomandante Marcos* (1995: 58-9); minha tradução, com a condescendência de *Durito*.
2. Este capítulo contou com a valiosa contribuição intelectual de diversos participantes do Seminário Internacional de Globalização e Movimentos Sociais organizado pela Comissão de Pesquisa sobre Movimentos Sociais da Associação Internacional de Sociologia em Santa Cruz, Califórnia, de 16 a 19 de abril de 1996. Agradeço aos organizadores do seminário, Barbara Epstein e Louis Maheu, pelo seu gentil convite.
3. Para uma discussão teórica dos movimentos sociais bastante pertinente à investigação apresentada neste capítulo, ver Castells (1983); Dalton e Kuechler (1990); Epstein (1991); Riechmann e Fernandez Buey (1994); Calderon (1995); Dubet e Wiewiorka (1995); Maheu (1995); Melucci (1995); Touraine (1995); Touraine *et al.* (1996); Yazawa (no prelo).
4. Touraine (1965, 1966). Na realidade, segundo a formulação original de Touraine, uma terminologia um pouco diferente é empregada em francês: *principe d'identité*, *principe d'opposition*; *principe de totalité*. Julguei que seria mais claro a um público internacional utilizar palavras mais diretas para dizer a mesma coisa, não obstante o risco de perder o sabor dos termos originalmente em francês.
5. Este estudo comparativo está baseado em um trabalho realizado em 1995 juntamente com Shujiro Yazawa e Emma Kiselyova. Sobre o primeiro esboço desse trabalho, ver Castells *et al.* (1996).
6. A análise do movimento zapatista aqui apresentada deve muito, a exemplo de numerosas passagens deste livro, à contribuição de duas mulheres. A primeira delas é a professora doutora Alejandra Moreno Toscano, renomada historiadora urbana da Universidad Nacional Autónoma de México e ex-secretária do Bem-Estar Social da Cidade do México, DF, tendo atuado como principal assessora de Manuel Camacho, o representante do presidente da República durante o período mais delicado de negociações entre o governo mexicano e os

- zapatistas nos primeiros meses de 1994. Ela me forneceu documentos, opiniões e idéias muito elucidativas, além de ter-me auxiliado de forma decisiva no entendimento do processo global da política mexicana no período 1994-1996. Sobre a análise de Alejandra a esse respeito (o enfoque mais inteligente que já li), ver Moreno Toscano (1996). Devo meus agradecimentos também à Maria Elena Martínez Torres, doutoranda sob minha orientação em Berkeley e dedicada estudiosa dos camponeses da região de Chiapas. Durante nossas discussões, ela colocou à minha disposição suas próprias análises (Martínez Torres, 1994, 1996). Naturalmente que assumo inteira responsabilidade pela interpretação, e eventuais erros, acerca das conclusões apresentadas neste livro. Outras fontes utilizadas sobre o movimento zapatista são: García de León (1985); Arquilla e Rondfeldt (1993); Collier e Lowery Quaratiello (1994); *Ejército Zapatista de Liberación Nacional* (1994, 1995); Trejo Delarbre (1994a, b); Collier (1995); Hernández Navarro (1995); Nash *et al.* (1995); Rojas (1995); Rondfeldt (1995); Tello Díaz (1995); Woldenberg (1995).
7. O governo mexicano afirma ter identificado o subcomandante Marcos e os principais líderes dos zapatistas, o que parece ser bastante plausível. Essa notícia foi amplamente divulgada pela mídia. Entretanto, como os zapatistas ainda estão na luta por sua causa, não creio que seja apropriado aceitar tais afirmações como fato consumado.
 8. Moreno Toscano (1996).
 9. EZLN (1994: 61); traduzido para o inglês por Castells.
 10. Collier (1995: 1); argumento semelhante é defendido por Martínez Torres (1994). No Manifesto divulgado pelos zapatistas pela Internet em novembro de 1995 em comemoração ao décimo segundo aniversário da fundação de sua organização, eles deram ênfase especial ao seu caráter de um movimento mexicano pela justiça e pela democracia, além da defesa da identidade indígena: "O país que desejamos ter é para todos os mexicanos, e não apenas para os indígenas. Não pretendemos nos separar da Nação Mexicana, queremos fazer parte dela, sermos aceitos como iguais, como pessoas com dignidade, como seres humanos... Aqui somos irmãos, os mortos de sempre. Morrendo novamente, mas, desta vez, morrendo para viver" (EZLN, *Comunicado* transmitido via Internet, 17 de novembro de 1995; traduzido para o inglês por Castells).
 11. Declaração zapatista, 25 de janeiro de 1994; citada por Moreno Toscano (1996: 92).
 12. Segundo pesquisa realizada nos dias 8 e 9 de dezembro de 1994, 59% dos residentes da Cidade do México tinham uma "boa impressão" dos zapatistas, enquanto 78% acreditavam que suas reivindicações eram justificadas (pesquisa publicada pelo jornal *Reforma*, 11 de dezembro de 1994).
 13. Marcos, 11 de fevereiro de 1994; citado por Moreno Toscano (1996: 90).
 14. Faz-se necessário esclarecer os diferentes significados atribuídos a *La Neta* aos leitores não-mexicanos. Além de ser o feminino figurativo de *The Net* em espanhol, *la neta* é uma gíria mexicana que quer dizer "a verdadeira história".
 15. Martínez Torres (1996: 5).
 16. Rondfeldt (1995).

17. Arquilla e Rondfeldt (1993).
18. A principal fonte de informações sobre a milícia norte-americana e os "patriotas" é o *Southern Poverty Law Center*, sediado em Montgomery, Alabama. Essa notável organização tem demonstrado extraordinária coragem e eficiência na proteção à cidadania contra grupos fundamentados no ódio nos Estados Unidos desde sua fundação em 1979. Como parte de seu programa, a organização criou uma *Klanwatch/Militia Task Force* (Força-Tarefa de Vigilância à Klan/Milícia) que fornece dados e análises precisos para auxiliar na compreensão e reação a grupos extremistas, antigos ou recém-formados, contra o governo e contra determinados povos. Sobre informações mais recentes, utilizadas em minhas análises, ver *Klanwatch/Militia Task Force* (1996, daqui em diante, simplesmente KMTF). Um estudo bem documentado sobre a milícia norte-americana nos anos 90 foi elaborado por Stern (1996). Utilizei também a excelente análise apresentada por Matthew Zook, um de meus alunos de doutorado, sobre as milícias e a Internet em 1996 (Zook, 1996). Fontes complementares empregadas especificamente na análise apresentada neste capítulo são: J. Cooper (1995); Anti-Defamation League [Liga antidifamatória] (1994, 1995); Armond (1995); Armstrong (1995); Bennett (1995); Berlet e Lyons (1995); *Broadcasting and Cable* (1995); *Business Week* (1995d); Coalition for Human Dignity (1995); Cooper (1995); Heard (1995); Helvarg (1995); Jordan (1995); Ivins (1995); Maxwell e Tapia (1995); Sheps (1995); *The Nation* (1995); Orr (1995); Pollith (1995); Ross (1995); *The Gallup Poll Monthly* (1995); *The New Republic* (1995); *The New York Times Sunday* (1995a, b); *The Progressive* (1995); *Time* (1995); WEPIN Store (1995); Dees e Corcoran (1996); Winerip (1996).
19. Excerto do artigo assinado pelo suprematista branco William Pierce na edição de março de 1994 de sua revista *National Vanguard*, citada pela KMTF (1996: 37). Pierce é o líder da Aliança Nacional e autor do best-seller *The Turner Diaries*.
20. A Milícia do Texas fez o seguinte apelo alguns dias antes de 19 de abril de 1995, dia do segundo aniversário do episódio de Waco: "Todos os cidadãos fisicamente capacitados estão convidados a se reunir, armados, para celebrar seu direito de portar armas e congregar-se sob a forma de milícias em defesa da República" (citado no editorial de *The Nation*, 1995: 656).
21. KMTF (1996).
22. KMTF (1996); Stern (1996).
23. Berlet e Lyons (1995); KMTF (1996); Winerip (1996).
24. Stern (1996: 221).
25. Berlet e Lyons (1995).
26. Whisker (1992); J. Cooper (1995).
27. Berlet e Lyons (1995).
28. Winerip (1996).
29. Zook (1996).
30. KMTF (1996: 14).
31. Helvarg (1995).

